OESTE vermelho

Cr$ 12,00

a tampa do caixão

KENT DAVIS

apresenta

Todos os personagens desta novela são imaginados pelo autor e não têm qualquer relação com nomes ou personalidades da vida real. Qualquer semelhança terá sido mera coincidência.

Publicação no Brasil 1978

Copyright © Editorial Andina S.A.

Proibida a reprodução no todo ou em parte.

EDITORA MONTERREY LTDA.
Rua Visconde de Pirajá, 550 — Sala 1401
IPANEMA — Rio de Janeiro, RJ
Fones: 239-1447 e 239-6226

REEMBOLSO POSTAL
Pedido de Livros

Cole este cupom na sua carta pedindo os livros da Editora Monterrey e ganhe 1 livro grátis em cada pedido de 5 livros. Preenchendo este cupom corretamente, receberá o seu pedido com mais segurança.

Nome: .....

Endereço: .....

Cidade: ..... **Estado:** .....

Código de Endereçamento Postal: .....

Composto e impresso nas oficinas da CIA. GRÁFICA LUX

Distribuído por:
Fernando Chinaglia Distribuidora S.A.

A TAMPA DO CAIXÃO

KENT DAVIS

Tradução de IRACEMA DE BARROS

Coleção OESTE VERMELHO

Obras já publicadas e ainda não esgotadas:

50 — VERGONHA QUE MATA
51 — ALÉM DO FORTE APACHE
52 — DEDOS DE ANJO
53 — CIDADE CORTA-CAMINHO
54 — CASA PARA CINCO
55 — SANGUE DO SANGUE
56 — SENTENÇA: CHUMBO!
57 — O PLANO DO NORTE
58 — PISTOLEIRO CONHECE MOÇA
59 — VINGANÇA DO HOMEM INDIGNO
60 — RAÍZES DA COVARDIA
65 — É FOGO NA ROUPA
66 — NÃO SE APRESSE EM MORRER
67 — FESTIM DE CORVO
68 — OS FRACOS E OS FORTES
69 — O PAI FOI ENFORCADO
70 — O ÚLTIMO ASSALTO
71 — DUELO COM ÍNDIO
72 — A CAUSA PERDIDA
73 — BALADA DO HOMEM MAU
74 — A FACE DA MORTE
75 — ASSUNTO MALDITO
76 — AS FÚRIAS
77 — PISTOLEIRO BOM MOÇO
78 — CONTRA A LEI DO CÃO
79 — O ESPINHO DA VINGANÇA
80 — A MINA FATÍDICA
81 — UM ROUBO COMPLICADO
82 — PISTOLA ENLUARADA
83 — GAROTA VESTIDA DE HOMEM
84 — BAÚ DE OURO
85 — A PÁ DE CAL
86 — A BRIGA ADIADA
87 — POR CAUSA DO TREM
88 — O DINHEIRO DO SOGRO
89 — O ÁS DE COPAS FURADO
90 — ROCK ERA PEITUDO
91 — UM SUJEITO CRUEL
92 — A PROVOCAÇÃO
93 — A TAMPA DO CAIXÃO

A publicar:

94 — BOM PARA A FORCA
95 — POR UM XERIFE SAFADO

CAPÍTULO PRIMEIRO

Ressurreição surpreendente

A manhã ainda não tinha chegado à metade, mas o calor era quase insuportável, provocando um leve vapor que subia da terra, deformando ligeiramente coisas e objetos mais distantes. O apito de um trem soou longínquo e o comboio parecia uma cobra escura serpenteando no hori-

zonte. A composição ia para em Mesa Colorada, apenas porque ali havia um depósito de água para a locomotiva, situado a cerca de cem metros do ponto onde fora construída a estação. Abastecida, ela se punha novamente em movimento e, se havia algum correio para a cidadezinha, era atirado na pequena plataforma desmantelada e ressequida. Se alguma vez um passageiro descera ou subira ao trem em Mesa Colorada, isso fazia tanto tempo que ninguém mais se lembrava.

Mas, naquela manhã escaldante, alguém ia descer do trem e seria recebido na estação. Quem ia esperar o passageiro era um homem altíssimo, magérrimo, muito calado, metido num velho terno que outrora fora preto e agora estava ruço. Seu nome era Joshua Blake, mas todo mundo só o conhecia como Taciturno Blake. Sentado na boléia, conduzia uma caleça puxada por um cavalo velho e magro, veículo e animal pretos também. Isso tudo porque Taciturno Blake era dono da Funerária de Mesa Colorada. A morte era o seu negócio e nunca ninguém tinha visto Taciturno Blake se incomodar com vivos. E se ele fazia o percurso de quatro milhas desde o centro da cidade até o local onde fora construída a estação da estrada de ferro, claro estava que o viajante que ele ia esperar era um morto.

Dirigindo a caleça sem nenhuma pressa, ele tinha chegado à estação quando o trem dera o primeiro apito, ainda longe, e colocou-a o mais

perto possível do depósito de água, debaixo de uns ramos ressequidos. Depois saltou e caminhou para a plataforma propriamente dita, com as abas de sua casaca dançando em torno do corpo esquelético, o que o tornava parecido com um grande abutre. Debaixo da precaríssima cobertura da estação, tirou de um bolso um cigarro já feito, comprido e escuro, e se pôs a fumar calmamente. Ele não usava armas de nenhuma espécie, mas em compensação tinha no pescoço uma grossa corrente de metal prateado, do qual pendia um crucifixo de razoáveis proporções.

O trem continuava a se movimentar pela planura a perder de vista e de repente Taciturno Blake pareceu ficar nervoso. Deu alguns passos pela plataforma, seu enorme pomo de adão subindo e descendo na garganta magra. Aquilo era estranho, porque Taciturno Blake nunca tinha pressa, nem se impacientava. Mas havia razão, ou melhor, exatamente quatro razões para sua súbita inquietação. Elas chegavam à estação num galope desenfreado, levantando uma pesada nuvem de poeira vermelha. No último instante, os quatro cavalos foram desviados da plataforma para o ponto onde ele deixara a caleça e os quatro cavaleiros desmontaram, chegando a pé onde ele estava.

— Esperando alguém? — indagou um dos cavaleiros, que, como seus companheiros, só faltava ter escrito na testa a palavra pistoleiro.

— Sim. Vocês também?

— Isso mesmo, amigo — riu o homem. — Um parente querido que chega nesse trem.

Taciturno Blake não disse nada, como era seu costume, mas pensou que a estação de Mesa Colorada estava muito freqüentada naquela manhã e em seguida examinou disfarçadamente os quatro homens. Um deles era um índio que usava o cabelo longo preso numa trança e vestia um bolero de camurça igual às calças, pura e simplesmente em cima da pele do tórax forte. Outro usava um dólmã azul dos soldados da União, calças de brim sem cor definida e um quepe dos soldados confederados. Sua cabeça era uma esfera brilhante, sem um só fio de cabelo. O terceiro tinha suíças e cavanhaque grisalhos e trazia o chapéu pendurado nas costas pela tira que o mantinha preso debaixo do queixo. O quarto e último usava um tapa-olho de couro preto, um largo sobretudo cinzento, e tinha um par de olhos gelados.

Todos tinham alguma coisa em comum, primeiro a expressão dura e fria, mesmo cruel, e estavam armados. O índio tinha nos braços um Winchester, que acariciava como se se tratasse de um corpo de mulher. O trem apitou mais uma vez, entrando na reta que em pouco tempo o levou até o depósito de água, onde parou com um ronco e o ruído de ferragens mal engraxadas. Maquinista e foguista saltaram e o último tratou

de movimentar o braço mecânico que puxava a água do depósito para a caldeira da locomotiva. Sem dar mais atenção a Taciturno Blake, os quatro pistoleiros se encaminharam para junto do trem, parando pouco além do ponto onde tinham deixado os cavalos.

— É só o correio — alertou Taciturno Blake, quando um saco de couro foi jogado com força na portinhola de um vagão, sobressaltando os quatro homens.

Recebeu um olhar venenoso de um deles e não disse mais nada, limitando-se a observar como as mãos deles estavam perto demais das armas em seus coldres. Outro barulho se produziu e as mãos se aproximaram ainda mais das armas, mas era apenas a porta larga do vagão de carga que estava sendo aberta por um empregado do trem, que gritou, irônico:

— Aqui está quem você veio esperar, Blake.

Pôs uma tábua na porta do vagão e por ela fez deslizar um ataúde largo, comprido, brilhante e negro. Supersticiosos como todos os da sua espécie, os quatro pistoleiros recuaram. O índio umedeceu os lábios, o de sobretudo contraiu a mão esquerda, o careca fez um rápido sinal da cruz, o cegueta desviou seu único olho do caixão que tocava o fim da passarela improvisada com um ruído surdo.

— É meu negócio, amigo — replicou Taciturno Blake para o empregado do trem.

— Tire logo isto daqui — grunhiu o pistoleiro de sobretudo cinzento.

— Calma, amigo, não está vazio e nem eu, nem você queremos que o caixão se arrebente por ter sido manuseado sem cuidado, não é?

— Está dizendo que aí há um defunto? — bradou o cegueta.

— Claro, que outra coisa pode haver dentro de um ataúde?

Os quatro homens se entreolharam e em seguida fitaram as portas dos vagões, por onde não saía mais ninguém. Ocupado com o transporte do caixão para a caleça, nem por isso Taciturno deixou de perceber que eles estavam desconcertados e mesmo irritados. O dono da funerária acabou de passar algumas laçadas de corda pelas alças do caixão e o arrastou lentamente para o veículo que o transportaria para o cemitério. A madeira contra a terra vermelha fazia um ruído desagradável, que pôs um calafrio na espinha dos quatro pistoleiros. O maquinista e o foguista tomaram seus lugares no trem e a composição começou a bufar e a se movimentar lentamente, como que ganhando forças para continuar sua marcha para o sul, até Tucson e outras cidades próximas da fronteira mexicana. Junto da porta, com o saco do correio na mão, só havia um empregado do trem. Como de costume, ninguém, pelo menos ninguém vivo, tinha embarcado ou desembarcado em Mesa Colorada. O saco do

correio provocou um rápido estrondo, quando foi atirado na plataforma da estação, o trem ganhou velocidade e pouco depois só era um penacho de fumaça branca se perdendo na distância.

— Ele vinha nesse trem — grunhiu o pistoleiro careca.

— Pode ter mudado de idéia — sugeriu o cegueta.

— Não, ele vinha nesse trem, sim, e tinha que descer aqui — confirmou o de cavanhaque.

— Mas não veio, todos nós sabemos disso — resmungou o índio. — A não ser que nos tenha visto e por isso não desceu.

— Isso é tolice — grunhiu o careca. — Ele não nos conhece, portanto não saberia que estávamos aqui à sua espera. Se ele não veio, foi porque alguma coisa aconteceu.

— Mas é estranho — disse o de cavanhaque. — Sabemos que embarcou em Flagstaff, em Jerome ainda estava no trem e não iria ficar em Fort Whipple ou Silver King.

— Não, não, ele tinha que vir a Mesa Colorada precisamente esta semana — tornou o careca. — E não há outro trem senão na próxima semana e aí já será tarde demais.

— Amigos, um de vocês pode me dar uma mãozinha aqui? — gritou Taciturno Blake, com o ataúde parado junto da caleça.

— Vá pedir ajuda ao diabo, pássaro agou-

rento! — berrou o cegueta em tom raivoso. — Não toco nisso nem por todo o ouro do mundo.

— Pesa muito — lamentou Taciturno Blake, passando um lenço imundo pela cara banhada de suor. — Parece que o morto estava bastante gordo, o que significa que os vermes vão ter um belo banquete.

O dono da funerária começou a voltar, dirigindo-se para uma bica que fora adaptada ao depósito de água da estrada de ferro e onde qualquer um podia matar a sede. Pegou uma vasilha oxidada posta ali para servir a quem precisasse dela e se curvou para a bica, enquanto os quatro pistoleiros davam alguns passos para seus cavalos. Aí todos ouviram um ruído de madeira se quebrando. Os pistoleiros pararam, Taciturno se voltou surpreso, deixando cair a vasilha com água, quando a tampa do caixão tombou para um lado, deixando sair um homem perfeitamente vivo.

Então o inferno se mudou para as proximidades da estação de Mesa Colorada. O ressuscitado já saiu do caixão disparando duas armas, que vomitavam fogo raivosamente. Afastado da linha de tiro, Taciturno Blake tinha a boca aberta diante daquela luta desigual, que foi a mais sangrenta que ele já vira em sua vida e também a mais rápida. O primeiro a cair foi o índio e seu Winchester foi parar a boa distância dele. O sujeito de cavanhaque tentou chegar a um dos ca-

valos, mas tombou entre as patas do animal. O cegueta foi o primeiro a ser atingido e o careca o último.

Quando o tiroteio terminou, o dono da funerária olhava incrédulo para o ressuscitado, que lembrava uma fera, com o corpo ligeiramente tenso, os olhos chamejando, os revólveres fumegantes ainda em posição de tiro. Em torno, quatro mortos. Quatro homens que de modo algum eram inexperientes em matéria de armas de fogo, mas que não tinham conseguido que uma só de suas balas alcançasse o alvo. O estranho forasteiro meteu os revólveres nos coldres e se encaminhou para onde estava Taciturno, indagando, com um sorriso:

— Surpreso com tudo isto, hem, meu velho?

— Mais ou menos. Tenho motivos para tanto, não?

— Claro — o sorriso do desconhecido se ampliou, mostrando dentes branquíssimos. — Se não fosse por esse caixão com um defunto dentro, quem estaria jogado aí nessa poeira vermelha seria eu. Conhece alguém desse quarteto de assassinos?

— Não, nunca os vi em Mesa Colorada mas... Bem, me disseram que esperavam um parente que vinha no trem.

— Meus parentes não são porcos — riu o forasteiro — mas não resta dúvida de que era a mim que esperavam.

Houve um breve silêncio, que Taciturno acabou quebrando, ao perguntar:

— Com todos os diabos, como é que fez isso?

— Se fala do ataúde, ele é de luxo, bastante grande, acho que o sujeito que está dentro dele gostava de conforto. Quanto ao resto, foi apenas uma questão de sorte e de prática.

— Seja você quem for, é um sujeito bastante curioso. Sabia que essa gente estava à sua espera?

— Digamos que eu esperava uma recepção assim.

— Tem certeza de que vinha mesmo para cá?

— Mas é claro que sim. Isto aqui não é Mesa Colorada?

— Certamente teve um bocado de sorte de que esse ataúde viesse para cá.

— Sorte nada, amigo, tracei meu planozinho justamente por saber que ele seria desembarcado aqui — riu o desconhecido. Em seguida, se apresentou: — Sou Wild Snake...

— Serpente Selvagem? — replicou Taciturno, surpreso. — Mas que nome! Ele tem algum sentido especial?

— Não creio. O nome de família é Snake, Wilder meu nome, mas ninguém me conhece senão por Wild, de modo que fiquei Wild Snake.

O dono da funerária não pareceu muito convencido com a explicação, mas disse em seguida:

— Eu só sou conhecido pelo apelido de Ta-

citurno Blake. Todo mundo já esqueceu que meu nome é Joshua. — Olhou para os mortos e acrescentou: — Só quero saber como vou transportar tanto defunto para a cidade, como poderei fazer tantos caixões ao mesmo tempo e quem vai pagar as despesas... Há anos que eu não via uma epidemia de chumbo igual a esta...

— Não gosto de matar gente, Taciturno, mas quando minha pele está ameaçada, não tenho escolha.

— Eu compreendo. O que me surpreende é que tenha liquidado todos com facilidade, parecem pistoleiros profissionais alugados...

— Pode apostar o que quiser que são mesmo. Se eu os deixasse reagir, o morto seria eu.

— Você os surpreendeu de um modo espetacular e isso é uma verdadeira façanha, sendo eles profissionais do gatilho...

— Bem, não sou de todo inexperiente — riu Snake. — Já me vi outras vezes em apuros parecido com este. Por isso mesmo é difícil me apanharem desprevenido.

— Pode me ajudar a transportar toda essa gente? Porque você vai para a cidade, não é?

— Sim, o problema é que não tenho cavalo.

— Isso é o de menos. Vamos primeiro ver se essa gente tem nos bolsos dinheiro para pagar as despesas com o próprio sepultamento. Depois colocaremos cada cadáver dobrado sobre um cavalo e os ataremos todos a reboque da caleça.

No compartimento de trás dela vai o ataúde e você segue comigo na boléia.

Wild Snake deu uma gargalhada divertida, retrucando:

— Limpe os bolsos desses patifes, Taciturno, aposto como cada um deles não recebeu menos de cem dólares para tirar minha pele.

— Isso não, roubar os mortos é um crime feio. Jamais toro de um morto mais do que o necessário para pagar as despesas do seu sepultamento. Mas você parece ter mesmo muita experiência com coisas... bem, você entende. Nossa entrada na cidade vai surpreender tudo mundo. Tempos atrás, Mesa Colorada foi uma cidade turbulenta, mas agora é um lago plácido onde não acontece nada.

— Quando ela foi turbulenta?

— Há coisa de uns nove anos atrás — suspirou o dono da funerária. — Naquele tempo eu tinha muito trabalho, não havia um sábado que eu não fizesse seis, oito enterros. Todos morriam por indigestão de balas. Agora não, os velhos são fortes, só morrem mesmo quando não têm mais outro jeito, e nunca ouvi falar que alguém morra de tédio. Se isso acontecesse, Mesa Colorada já seria uma cidade fantasma...

— Se é uma cidade assim tão parada, deve ser pouco atraente para forasteiros — riu Snake.

— Em todo caso, prepararam uma recepção especial para mim...

— Não consigo entender isto, Snake, palavra que não. — Taciturno subiu para a boléia e chicoteou de leve o cavalo, que partiu a trote largo levantando uma nuvem de poeira vermelha e continuou: — Chega um forasteiro a Mesa Colorada pelo trem das dez e meia. Isso já é surpreendente, ninguém vem a Mesa Colorada nem sai dela para lugar nenhum. De repente, aparecem quatro desconhecidos para receber o forasteiro. Muito estranho, porque conheço todo o mundo na cidade. Mais estranho ainda é que os quatro sujeitos sejam pistoleiros que querem matar o forasteiro. Mas o forasteiro sai de um ataúde que eu esperava e liquida os quatro pistoleiros, gente muito experimentada em matéria de armas de fogo. Não parece que alguém sabia que o forasteiro vinha para Mesa Colorada?

— Você parece um sujeito bastante curioso, Taciturno.

— Não vou negar.

— Pois é melhor não ser tanto — Snake continuou a sorrir. — Já vi milhares de sepulturas de curiosos. Você não quer trocar de lugar, não é?

— Faça cócegas em mim para eu rir da piada — replicou o dono da funerária, mas açoitou de novo o cavalo, para que ele andasse mais depressa.

— Não é piada, é uma verdade — afirmou Snake, agora sério. — Tenho impressão de que

a morte vai rondar Mesa Colorada bem de perto enquanto eu estiver por aqui e você precisa ter cuidado para não ser ceifado por ela.

A caleça com os cavalos a reboque corria por entre altos montículos de terra avermelhada na direção de uma ladeira, que em seguida descia para uma estradinha, que por sua vez ia dar na única rua de Mesa Colorada. A cidade era limitada ao norte por um braço do rio Gila, que era pouco mais que um córrego, e o paredão de argila vermelha plano no alto, maciço, por trás do qual se estendia o deserto. Para a direita, rochas altas e também vermelhas marcavam o início da zona de minas de cobre, que mantinham a vida da cidade e davam trabalho aos seus habitantes.

— Quem é você? — indagou Taciturno Blake de repente.

— Já disse, Wild Snake.

— Isso é apenas um nome, por mais que seja verdadeiro e não um apelido. De onde vem? Por que veio para Mesa Colorada? Por que aqueles homens estavam à sua espera e por que você sabia que eles o esperavam?

— Homem, você não toma jeito — riu Snake. — O diabo é que eu não gosto de perguntas.

— Desculpe, eu não fiz nenhuma.

— Assim está melhor — o sorriso de Snake se ampliou. — Creio que vamos ser bons amigos e eu vou lhe proporcionar bastante trabalho sem

cobrar nenhuma comissão. Quantos ataúdes você é capaz de fazer num só dia?

— Você diz coisas tão esquisitas! — lamuriou o dono da funerária. — Não tem medo de ser um dos que eu deva enterrar?

— É um risco que tenho que correr...

— Mas por quê? — Taciturno levantou a mão, agitado, e acrescentou: — Não, não responda, já não está aqui quem falou...

CAPÍTULO SEGUNDO

Um forasteiro se relaciona com uma cidade...

O caro e até mesmo luxuoso ataúde cointendo o corpo de Garfield Drury, que viera desde Flagstaff para ser enterrado em Mesa Colorada, tocou o fundo da sepultura. O Reverendo O'Hara sentiu o vento agitar sua cabeleira ver-

melha de irlandês, enquanto dizia as palavras rituais do enterro, e tratou de encerrar o mais depressa possível a cerimônia. Alguém tocava em surdina uma gaita, entoando uma canção vaqueira e, enquanto as pás de terra reenchiam a cova, uma voz trêmula se ergueu, dizendo:

— Adeus, meu filho, fique em paz. Sua morte talvez tenha sido o melhor para todos.

Alguém soluçou e mais pás de terra vermelha caíram dentro da cova. Pensativo, Wild Snake assistia ao enterro bastante afastado do pequeno grupo junto da sepultura. Dava voltas e mais voltas em seu velho chapéu descolorido por muitos raios do sol e pensava em Garfield Drury, de quem fora companheiro forçado na última viagem que ele fizera. Seus olhos estavam fixos no homem que se despedira do filho. Era velho mas ainda forte e o vento agitava seus cabelos bastante grisalhos. O corpo era baixo, retaco, mesmo rude, como as feições do rosto. Ao seu lado, segurando em seu braço, estava uma mulher alta, bem feita de corpo, mas o pesado véu preto que lhe cobria a cabeça e o rosto impedia que se visse se ela chorava ou não.

Wild Snake lembrou o cadáver com quem tinha viajado. Era um homem ainda jovem, também baixo e retaco, vestido com roupas de bom tecido e corte. O caixão tinha sido embarcado em Flagstaff e era de madeira cara, bem en-

vernizado, grande e cheio de adornos de prata. Ele não sabia o que tinha ido fazer no enterro de Garfield Drury, não sentia pelo morto nem mesmo gratidão por ter um ataúde grande e forte, sem o qual não teria tido salvação.

— Talvez eu tenha vindo por curiosidade ou falta do que fazer — dizia-se, olhando para o outro lado do cemitério.

Lá, lado a lado diante de uma grande sepultura comum, estavam os quatro caixões dos pistoleiros que abatera. Eram caixões ordinários, de pinho fino e sem qualquer adorno.

O Reverendo O'Hara estava se juntando ao pai de Garfield Drury, a mulher que estava com ele e Taciturno Blake e Snake achou melhor sair dali antes deles. Deu alguns passos, mas alguém disse:

— Um momento, forasteiro, quero falar com você.

Ele se voltou, desconcertado, indagando:

— Sim?

— Meu nome é Simon Drury, pai de Garfield, e esta é Nora Drury, viúva de meu filho.

— Eu sou Wild Snaker — ele não achou outra coisa para dizer.

— Estranho nome, esse seu! — tornou o velho Drury.

— Mas é meu nome mesmo, não um apelido...

— Não importa. O que eu queria saber é

porque veio ao funeral de meu filho, se não é daqui, nem o conhecia.

— Bem, senhor. — Snake deu uma olhada rápida para Taciturno Blake e prosseguiu: — Viajei no mesmo trem que ele. Soube que ele morreu em Flagstaff mas quis ser enterrado em sua terra natal e achei... Bem, não me custava nada vir ao funeral.

— Obrigado, amigo, foi um belo gesto seu. Garfield lhe agradece também, esteja onde estiver agora. Os Drury já não têm mais muitos amigos atualmente.

— Aceitem minhas condolências, senhor e senhora.

Snake queria sair dali, mas a voz da mulher soou, num comentário apagado:

— Era algo que tinha que acontecer.

— Acontecerá com todos nós, mais cedo ou mais tarde, senhora — ele respondeu. — Nascemos para morrer.

— Com Garfield, as coisas foram piores, pois ele estava condenado.

— Condenado? — estranhou Snake.

— Sim — explicou Nora Drury. — Ele sofria de um mal incurável. Desejava tanta coisa! Nunca amou ninguém a não ser a si mesmo, nunca vacilou em pisar quem quer que fosse para conseguir seus propósitos, só pensava em dinheiro, em poder. Quando soube que estava condenado, saiu como louco em busca de socorro, que ne-

nhum médico lhe pôde dar. Gastou o que tinha e o que não tinha, inutilmente. Só pensou em nós, no amor e carinho que podia ter da família, quando era tarde demais...

— Preparava-se para voltar, quando morreu — acrescentou Simon Drury. — Tínhamos recebido carta dele, dizendo que vinha para cá. Nos seus últimos momentos de consciência, disse ter separado algum dinheiro para o funeral, que deveria ser aqui, em Mesa Colorada. O último dinheiro que lhe restava...

— Uma história bem triste... — comentou Snake.

— Agora não temos mais nada — continuou Simon Drury, como se falasse para si mesmo. — Tudo o que nos resta é um pequeno rancho com um minúsculo rebanho, pastos ressequidos, uma equipe reduzidíssima. Seria muito diferente, se os Ransome não se tivessem apossado da maior parte de tudo o que Garfield possuía.

— Ransome? — repetiu Snake, franzindo a testa.

— A mais poderosa família da região — explicou o velho. — São donos de Mesa Colorada, têm ranchos, minas, dinheiro, poder, tudo. Meu filho gastou com sua doença metade do que ganhou pisando todo mundo, não tendo piedade para com ninguém. A outra metade ficou para seu sócio, Byron Ransome. Um contrato mal feito resultou nisso. Quando estava de

pé, ambicioso e audaz, meu filho nunca pensou que tal contrato poderia ser a ruína de seu pai e de sua mulher... Desculpe, estou me deixando levar pela amargura, você não tem nada a ver com a história de minha família e dos meus pesares.

— Adeus, Snake — Nora estendeu a mão para o forasteiro e, numa rápida olhada, ele viu os olhos da mulher fixos nos dele por baixo do véu negro. — Como meu sogro disse, não são muitos os amigos dos Drury atualmente. Obrigada por ter vindo.

O pequeno grupo se afastou, seguido pelo olhar de Wild Snake. Quando ele desviou o olhar, deu com um jovem de cerca de quinze anos, moreno, de boca grande e olhos escuros como os cabelos, com toda certeza filho de índio e mexicano. Tinha na mão uma gaita de boca e suspirou, dizendo:

— Uma história muito triste! Os Drury hoje não têm nem amigos, nem mais nada.

— Você conhecia Garfield Drurk? — indagou Snake, depois de observar um instante o jovem mestiço.

— Claro, por isso toquei hoje para ele. Não era tão mau como diziam. Não era nenhum santo, evidentemente, mas quem o é hoje em dia? Sua meta era ganhar dinheiro, fosse como fosse, e conseguiu. Eu acho que era uma meta razoável e tentaria alcançá-la, se pudesse. Pena que

tenham sido outras pessoas quem lucraram com sua inteligência e jeito para bons negócios.

— Os Ransome.

— Isso mesmo. — O jovem olhou para ele com seu jeito risonho que não o abandonava mesmo quando falava seriamente e comentou: — Para um forasteiro, você parece bastante bem informado... — Passou a gaita para a mão esquerda e estendeu a direita, não muito limpa, apresentando-se: — Meu nome é Pete Gaita. Isso mesmo, não tenho outro, sou bastardo, entende?

— Bastardo, hem? — grunhiu Snake apertando os olhos.

— Não é agradável ser bastardo em Mesa Colorada, como em nenhum outro lugar do mundo, creio eu. Estão sempre metendo minha mãe em tudo que é assunto. Mas não nego que sou bastardo e acho que minha mãe não tem culpa de nada, sem vergonha é o patife que me pôs no mundo.

— Faz muito bem em considerar sua mãe e não negar que é filho natural. A maneira certa é essa, Pete, filho natural, só usam a palavra bastardo os que o são mesmo tendo um pai. Quando você crescer, pode matar qualquer um que se atreva a chamá-lo assim.

— Matar? — Pete Gaita sacudiu a cabeça, negando. — Não, amigo, não penso fazer isso

nunca. Toco gaita e isso basta para me fazer um homem feliz.

— Meu nome é Wild Snake. Faz muito bem em ter sua gaita como companheira, a música é coisa boa para acalmar os nervos e fortalecer o espírito. E agora tenho que ir, talvez nos encontremos por aí a qualquer momento.

O forasteiro agitou a mão e saiu a grandes passos na direção do centro da cidade. Enquanto descia a ladeira da colina do cemitério, tinha uma visão completa da pequena cidade, com a grande mesa de argila cortando o horizonte, as minas de cobre, o riacho que fertilizava uma pequena faixa de pastos e o braço de água que ia se perder no deserto, deixando grande parte das terras totalmente ressequidas.

Ao contrário da grande maioria da gente que vivia como ele, Wild Snake não era supersticioso, pois se o fosse não teria entrado no caixão de um defunto para se livrar de um perigo. Era, sim, fatalista e achava que o que tem que ser será e não há força no mundo capaz de alterar isso.

— Portanto, a conversa com os Drury, depois o encontro com o jovem Pete Gaita, que aparentemente retardou minha volta para o centro da cidade, tinham que se realizar, porque outros fatos e circunstâncias que ainda ignoro precisavam disso para acontecer.

Diminuiu o passo e entrou calmamente na rua

principal de Mesa Colorada, alguns minutos depois. A atenção dele estava voltada para a enorme tabuleta de fundo vermelho com o nome *Saloon Coperland* pintado em preto, quando a mulher surgiu debaixo dela, atravessando a porta da casa de diversões. Snake tinha estado pensando que um *saloon* aparatoso como aquele era demais para uma cidadezinha tão sem importância, ficando mais próprio em Tucson ou Laramie. Mas esqueceu aquilo, ao observar aquela jovem, pequena, maravilhosamente bem feita de corpo, com cabelos louros muito bem penteados, grandes olhos azuis e roupas que pareciam indicar uma senhora e não uma mulher de *saloon*. Levava uma sombrinha branca, de renda delicada, igual à que enfeitava seu vestido de seda azul-claro.

Caminhando preguiçosamente, de modo a ter tempo de observar bem a jovem, Snake a viu atravessar a rua única e empoeirada, segurando airosamente a sombrinha que protegia do sol sua pele de mel e leite. Estava bem no meio, quando o cavalo foi jogado em cima dela. O cavaleiro deu uma gargalhada, fazendo o animal erguer as patas dianteiras bem em cima da moça, que, com o susto, caiu de costas, largando a sombrinha que rolou para longe dela. Desviando a montaria com grande perícia, o cavaleiro saltou em seguida e, pelo seu modo de dar os poucos passos que o separavam da jovem caída, era fá-

cil perceber que tinha bebido. Avançou para a loura rosnando uma porção de palavrões e rindo, enquanto Wild Snake parava na calçada de tábuas bem em frente ao ponto em que estava o homem e sua quase vítima.

— Muito bem, belezinha! — disse o homem, erguendo a voz e levantando a moça do chão pelo decote do vestido, que naturalmente não suportou a pressão, rasgando-se. — Agora, vamos ver se pode me recusar como faz todas as noites no *saloon*. Lá dentro você tem a proteção daquele almofadinha, aqui fora mando eu. Olhe só, todo mundo está na rua, vendo o que se passa, mas ninguém tem coragem de se meter. O velho xerife está metido em sua toca e sabe que não é páreo para mim. — Deu outro puxão, rasgando mais o decote da moça, que se encolheu, chorando e balbuciando coisas incompreensíveis.

O homem riu e aquilo fez a jovem reagir, dando-lhe pontapés. O bêbado ficou furioso e deu uma bofetada segura e firme em cada uma das faces dela, depois do que a empurrou violentamente, jogando-a outra vez na poeira vermelha da rua. Em seguida, sacou um punhal que rebrilhou ao sol e disse:

— Vou começar a lição que você merece pelos seus lindos cabelos. Tem orgulho deles, não é? Pois não vai ter mais.

Passou o olhar desafiante pelos espectadores

e, com um puxão, desfez o penteado da jovem, que soluçava, desesperada:

— Não, Brady, por piedade, meus cabelos, não!

— É com eles que atrai os homens, hem? — riu o tal Brady. — Pois não vai atrair mais. Depois que me divertir um pouco com você, vou cortar seus seios também. É outra arma sua para enlouquecer os trouxas, que nunca leva para a cama, como se fosse uma donzelinha pura e não uma vagabunda de *saloon*.

Wild Snake olhou para a multidão de curiosos que assistiam ao espetáculo. O punhal rebrilhou ao sol mais uma vez e se aproximou da mecha de cabelos que Brady segurava com a mão esquerda, enquanto a moça chorava, desesperada. O tiro ecoou pela rua principal como um trovão raivoso, um cheiro acre se espalhou, um berro secundou o disparo, enquanto o punhal rebrilhava ao sol mais uma vez, desta vez caído a certa distância do homem que o tinha empunhado. Os curiosos viram a mão de Brady erguida, sangrando, e em seguida ele deu outro berro, desta vez de fúria, quebrando o silêncio pesado que viera depois do tiro.

— Afaste-se da senhorita e nunca mais se aproxime dela — exigiu Wild Snake, dando um passo para a beira da calçada de tábuas.

Brady não se mexeu e a arma que o forasteiro ainda tinha na mão vomitou bala novamente,

desta vez num jorro bem aos pés do agressor. Ele deu uma série de pulinhos grotescos que o levaram para longe da moça e Snake comentou:

— Podia ter se livrado desta, se tivesse obedecido imediatamente...

— Sabe dar ordens muito bem com uma arma na mão — zombou Brady, reagindo finalmente.

— Mais ou menos no mesmo nível de quem esbofeteia uma mulher indefesa — replicou Snake, engatilhando de novo o revólver do coldre da direita, enquanto o da esquerda continuava em seu nicho.

— Quem é você? — rosnou Brady.

— Um sujeito que detesta covardes. E para mim, tanto é covarde quem agride uma mulher, como quem a vê sendo agredida sem ir em sua defesa — Snake passou o olhar em torno e os curiosos desviaram o olhar.

Brady, porém, deu uma risada e respondeu:

— É que eles têm juízo, sabem que não podem se meter comigo. Você ousou porque é forasteiro e desconhece o que o espera.

— Meu nome é Wild Snake e no momento você me parece tão perigoso quanto um coelho!

— É fácil dizer isso com uma arma na mão. Mas fique sabendo de uma coisa, se disparar e me matar, terá sido assassinato e toda esta gente vai testemunhar isso. Aqui em Mesa Colorada, os assassinos são julgados, condenados e enforcados no mesmo dia. Agora vou tomar esse re-

vólver de você. Ou me mata, ou eu o mato, você escolhe.

Brady avançou para Snake, que raciocinava depressa sobre o que ouvira, e em seguida, sorrindo friamente, respondeu:

— Vamos ficar em igualdade de condições, Brady — e jogou seu revólver no chão, além do adversário.

Este sobressaltou-se uma fração de segundo, enquanto a arma fazia um ruído seco, e em seguida riu, dizendo:

— Fez muito mal, Snake. Não há em Mesa Colorada quem seja mais rápido do que eu no saque.

Sua mão voou para o revólver mas só conseguiu sacá-lo. De repente, foi sacudido para trás e os espectadores, que não tinham visto o movimento de Snake sacando o revólver esquerdo, olharam com olhos arregalados o furo bem entre seus olhos. O Colt caiu da mão de Brady, enquanto ele estrebuchava, ainda de pé, e em seguida caiu na poeira vermelha da rua com um baque fofo. Snake olhou em torno e disse:

— Todos viram que foi um duelo legal. Eu apenas fui mais rápido que ele. — Andou em seguida para a moça que continuava caída e, estendendo a mão para ela, levantou-a com cuidado.

— Tive tanto medo, senhor... — murmurou a mulher, erguendo para ele os mais lindos olhos

azuis que já vira. — Podia ter morrido, ele é muito rápido.

— Era, senhorita — sorriu Snake. — E não foi o bastante desta vez.

— Por que se arriscou tanto? Nem me conhece...

— Isso não importa. É uma mulher e ele a estava molestando em plena rua. Eu não podia consentir nisso.

— Ninguém mais se abalou com o que acontecia.

A delicada mão da jovem assinalou os curiosos que baixaram a cabeça e começaram a se afastar, quando Snake respondeu:

— Porque são uns covardes nojentos. Eu odeio os que têm medo e não sabem dominá-lo.

— Você é extraordinário! Toda esta gente me conhece, você não, mesmo assim...

— Já disse, é uma mulher. Aliás, uma linda mulher!

— Obrigada — ela sorriu e de repente se encolheu, escondendo o colo, como se só então se lembrasse do estado em que estavam suas roupas. — Mais uma coisa, eu não tive culpa do que aconteceu, jamais provoquei...

— Tenho certeza disso — cortou Snake. — Sei que é uma moça decente.

— Não estou acostumada a que me defendam, salvo Rex — tornou a jovem, segurando como

podia o tecido rasgado do decote. — Rex é o dono do *Saloon Coperland*, não sei se sabe. É jogador profissional mas uma ótima pessoa. Brady sabia que ele estava fora de Mesa Colorada e por isso tentou se aproveitar...

— Não pense mais no que aconteceu, senhorita...

— Glenda Turner. Apenas Glenda, para os amigos.

— Pois é isso, Glenda, esqueça o incidente. Você não teve culpa de nada, Brady era um selvagem, basta se olhar para ele para saber.

— De um certo modo, foi bom que acabasse de uma vez com ele. Se o tivesse deixado vivo, ele não sossegaria enquanto não o apanhasse pelas costas, não suportava humilhações de nenhuma espécie. Vivia blasonando que tinha um grande número de mortes assinaladas na culatra do seu revólver...

Snake sacudiu a cabeça e andou até o revólver de Brady, que examinou com cuidado. Depois, deixou-o no mesmo lugar e voltou para junto da jovem, comentando:

— Um bom número de mortes, sem dúvida, mas agora o morto é ele.

— Não sei se sabe, trabalho no *saloon*.

— Entendi isso, O que faz, canta, dança?

— Não, toco piano — ela sorriu, um tanto tristemente.

— Estou surpreso — riu Snake. — Isso geralmente é feito por homens.

— Mas não é uma carreira proibida para mulheres — o sorriso dela se ampliou. — Estudei piano em Saint Louis. Cheguei a dar vários concertos.

— O Oeste não é precisamente o melhor lugar para uma carreira de pianista. Sei de homens que morreram com um balaço porque os clientes do *saloon* achavam que tocava mal ou não atendia ao que eles queriam.

— Tratam melhor as mulheres, às vezes — de novo o sorriso de Glenda Turner foi tristonho. — Mas de um modo geral tem razão, no Oeste se mata e se morre por tudo e por nada, parece que todo mundo enlouqueceu.

— Não parece apenas — riu Snake. — São todos loucos mesmo. Bem, acho que deve voltar para o *saloon* e trocar de roupa.

— Meu lindo vestido! — ela olhou com pena o tecido rasgado. — Só faz uma semana que o comprei e custou muito caro. Só havia ele e um outro, verde, no armazém de King.

— Parece que o verde fica melhor em você do que o azul — riu Snake, caminhando para o cadáver de Brady. Remexeu em seus bolsos e encontrou um rolo de dinheiro. Tirou dele vinte dólares, deixando o resto, e entregou o dinheiro a Glenda, dizendo: — Vá buscar o vestido verde, Glenda. Nada mais justo que Brady pagar,

mesmo depois de morto, o prejuízo que causou a uma pessoa inocente.

— Mas não, não posso aceitar — ela protestou.

— Por que não? Além da razão que já citei, você não pegou o dinheiro com ele, a responsabilidade disso é minha. Vamos, pegue o dinheiro e vá trocar de roupa.

Glenda vacilou um instante, mas depois pegou o dinheiro e deu um passo na direção do *saloon*. De repente, voltou e deu dois beijos nas faces de Snake, dizendo:

— Obrigada, amigo.

Em seguida, juntou as saias e correu, desaparecendo depois pela porta do *saloon*.

CAPÍTULO TERCEIRO

Emboscada na manhã tranqüila

Assim que Glenda sumiu pela porta do *saloon*, Snake ouviu uma voz velha e asmática indagar às suas costas:

— Por que tudo isto aconteceu, forasteiro?

Ele se virou e deu com um homem de estatura

mediana, roupas modestas mas limpas, cabelos brancos que flutuavam ao vento, um revólver que parecia não ser usado há muito tempo e a estrela de xerife sem polimento pendurada no peito. A expressão dos seus olhos era tristonha, mas a posição do corpo era altiva, como se quisesse compensar assim tudo o mais que pudesse lhe faltar.

— Eu explico, xerife. Onde podemos conversar com calma?

— Por que não no meu escritório?

Os dois homens saíram caminhando sem pressa, mas não antes que Snake visse Taciturno Blake correndo na direção do cadáver de Brady. O escritório da cadeia era meio escuro, mas por isso mesmo ligeiramente mais fresco, e o forasteiro falou durante cerca de cinco minutos. Quando terminou, o xerife indagou:

— Não omitiu nada, não é?

— Não omiti, não menti, nem exagerei, pode perguntar a qualquer um. Havia muitas testemunhas. Eu não tinha nenhum interesse em matar Brady. Ele me obrigou a isso.

Com as mãos entrelaçadas no estômago e os pés em cima da mesa de trabalho, o xerife observou longamente o forasteiro sentado à sua frente e por fim falou:

— O que me preocupa é que não se trata de apenas um morto mas de cinco. Cinco cadáveres em sua conta e só faz algumas horas que está

em Mesa Colorada. Taciturno está tendo trabalho demais.

— Sinto muito, xerife, mas os quatro primeiros tinham montado um mortífero comitê de recepção para assim que eu saltasse do trem. Tive que me defender, não é?

— Não entro nos detalhes da situação, Snake, digo só que cinco mortos em tão pouco tempo é demais. Não gosto que um forasteiro apareça de repente em Mesa Colorada para enchê-la de violência.

— Eu não a provoquei, xerife, pode ter certeza. Não sou pistoleiro, nem vim aqui só para matar gente.

— Mas usa dois revólveres.

— Costume — riu Snake. — Vivi sempre entre rancheiros em guerra, ladrões de gado, habituei-me a usar um par de armas e agora, se não as sinto nos quadris, me considero nu.

— Já matou muita gente.

— Espere aí, xerife, só fiz me defender, tanto dos quatro do comitê de boas-vindas como de Brady!

— Se não veio matar gente, o que pretende fazer em Mesa Colorada?

O rapaz sorriu, fitando os olhos do xerife, depois desviou a vista e respondeu:

— Sabe como é a vida de gente como eu, xerife, hoje aqui, amanhã ali. Mesa Colorada é

mais uma cidade, não há nenhum motivo especial na minha presença aqui.

— Há, sim — desmentiu o xerife tranqüilamente. — A prova é que desceu do trem neste lugarejo sem importância, de onde não se vai para parte alguma. Outra prova é que havia na estação um comitê de recepção, como você diz. Quatro homens armados que tencionavam matar você. Além disso, continua aqui, sem que nenhuma razão aparente o segure. Diga por que veio e eu decido se sua justificativa é boa ou não.

— Sou legalmente obrigado a dar uma justificativa?

— Não, legalmente obrigado, não. Mas seria bom se o fizesse. Não esqueça que sou o xerife de Mesa Colorada, responsável pela Lei e a ordem.

— Talvez você tenha razão, xerife, pode ser que exista algum motivo para minha vinda a esta cidade. Mas, se for assim, prefiro guardar comigo essas razões.

— Isso não me agrada, Snake, não gosto de gente que tem o que ocultar.

— Espere aí, xerife, vamos com calma — Snake se agitou subitamente. — Se é o perfeito guardião da Lei e da ordem nesta cidade, por que permite que uma mulher que não é prostituta, cantora ou corista de *saloon* seja molestada na rua em plena luz do dia? Como é que permite que um homem bêbado e malicioso como Bradk

ande pela rua importunando mulheres? Como é que permite que quatro pistoleiros armados montem uma emboscada para um pacífico viajante que desce de um trem? Por que fizeram isso? Quem os mandou? Quem os pagou?

Houve um silêncio. O xerife baixou a cabeça, suspirou, mudou um pouco a posição das velhas mãos cheias de tendões e por fim respondeu entredentes, sem olhar para o visitante:

— De certo modo, você tem razão, Snake. Não sirvo para nada, sou um velho inútil e por isso mesmo eles se empenham em me manter no cargo. Não posso nem me rebelar contra isso, pois eles são os donos de Mesa Colorada e a única coisa que posso fazer é obedecer a todas as suas ordens.

— Quem são eles?

— Quem mais poderiam ser? Os Ransome, é claro. Os Ransome, donos das minas, donos de rebanhos, os Ransome todo-poderosos. Se me disser que foram eles quem pagaram aqueles quatro homens para evitar que você chegasse vivo em Mesa Colorada, eu acreditaria piamente. Era o que eles fariam, se tivessem razão para isso, se soubessem que você vinha e se sua presença fosse incômoda para eles.

Houve de novo um silêncio, que Snake quebrou, dizendo gravemente:

— Muito bem, xerife, os Ransome sabiam que

eu vinha e minha presença aqui é bastante desagradável para eles.

* * *

Aquilo era o vasto império mineiro que dava nome e vida à cidade. Por todo lado, havia cercas de arame, de madeira e guardas armados com Winchester. Para além das cercas, edifícios também de madeira que formavam uma pequena cidade dentro da outra, com a fila de barracões onde viviam os mineiros, um refeitório coletivo, o armazém-geral, o depósito de material, um banco e o escritório central. O barracão mais próximo da entrada tinha uma tabuleta anunciando que ali eram feitas as admissões e dispensa de pessoal, bem como o atendimento de quem quisesse comprar ou vender algo à Mesa Colorada Companhia de Mineração. Tinha uma porta relativamente estreita na frente e uma larga nos fundos, abrindo-se diretamente para os terrenos da companhia.

Foi a esse barracão que Wild Snake foi encaminhado, quando chegou. Um empregado lançou uma olhada receosa na direção dele e foi logo avisando:

— Se quiser emprego, terá que deixar seu nome e esperar, pois no momento os quadros estão completos. — Vacilou e em seguida acrescentou:

— A não ser que você seja mesmo bom em explosivos...

— Sou péssimo — riu o forasteiro. — Pelo menos, na colocação de explosivos em minas. De qualquer modo, não estou procurando emprego.

— Entendo, se é para vender...

— Também não estou vendendo, nem comprando nada — cortou Snake, sempre sorrindo.

— Tudo o que vim fazer aqui foi ver os Ransome.

— Ver os Ransome? — o empregado pareceu engasgado.

— Exatamente. Qualquer um deles. Como é que faço?

— É difícil, senhor — o empregado pareceu recobrar pelo menos metade da tranqüilidade anterior. — A não ser que tenha uma razão mais do que justificada. Mesmo assim, teria que explicar essa razão aqui e seu pedido seria levado ao escritório central, onde Ulysses Bauman decide se a entrevista é concedida ou não. Os Ransome são muito ocupados.

— Entendo isso, mas preciso ver um Ransome qualquer, o mais depressa possível. Quem é esse Ulysses Bauman?

— O diretor-geral da companhia, administrador, capataz, braço direito da família Ransome — o tom do empregado deixou transparecer ligeiramente que ele não era grande admirador do tal Bauman. — É melhor não esperar ver seu

pedido atendido a não ser, como eu já disse, que tenha uma razão muito poderosa.

— Claro que a tenho. Uma razão. Uma só, mas muito poderosa. A morte!

— Está maluco? — O empregado recuou, com raiva, e prosseguiu: — Ou será que está bêbado?

— Nem uma coisa, nem outra. A razão que me fez pedir uma entrevista com os Ransome é a morte.

Os demais empregados já estavam em torno de Snake e do companheiro, parecendo ansiosos e sem saber o que fazer. Um deles resolveu aconselhar:

— É melhor você sair daqui, não resta dúvida de que é doido varrido.

— Muito bem — tornou Snake, muito tranqüilo. — Vou arranjar outra maneira de ver os Ransome. Mas me façam um favor, qualquer um de vocês. Se encontrarem um Ransome, ou mesmo esse tal Bauman, digam que Wild Snake está em Mesa Colorada. Eles sabem tanto quem é Wild Snake quanto o que significa a presença dele na cidade. Até qualquer hora, rapazes.

Virou-se para sair e deu com um revólver enorme, azul, de cano longo, que apontava para o seu estômago. Por trás do revólver, estava a cara bronzeada, de expressão fria, um par de olhos cinzentos que o fitavam com curiosidade e uma boca sorridente, cujo sorriso não con-

vencia. Tratava-se de um homem jovem, todo vestido de preto, cujas esporas de prata tilintavam, quando deu meio passo e disse:

— Muito bem, Snake, tem um Ransome bem à sua frente. O que deseja?

O forasteiro contemplou longamente seu interlocutor, que por fim acabou baixando a arma, guardando-a no coldre em seguida e disse:

— Desculpe a brincadeira. Mas quando o ouvi falando em morte, não resisti a tentação. Naturalmente, não tinha mesmo intenção de disparar.

— Naturalmente — Snake mostrou os dentes muito brancos. — Atirar num homem pacífico pelas costas é homicídio e, num caso assim, nem mesmo um Ransome se livraria de ir parar na forca. Há testemunhas demais do que teria acontecido.

— Os empregados da companhia? — O jovem Ransome deu uma gargalhada, acrescentando: — Tolice, nenhum deles testemunharia contra mim.

— Tem razão — concordou Snake calmamente. — Esqueci que o medo dos Ransome cria essa espécie de lealdade.

— Medo? — o jovem deixou de rir. — Por que alguém teria medo de nós? De onde tirou semelhante idéia?

— Talvez do passado, não sei. Esqueça, mas me diga quem é você.

— Rufus Ransome.

— Filho de Abigail e Bernard Ransome?

— Isso, e para completar o quadro, sobrinho de Byron Ransome — o jovem voltou a rir, divertido. — Pelo visto, conhece bem minha família. O que veio fazer aqui?

— Ele disse que queria uma entrevista, senhor — respondeu o empregado que conversara com Snake. — Com qualquer pessoa da família Ransome.

— Muito bem, entre para o meu escritório — Rufus indicou uma porta. — Raramente estou aí, não me agrada o trabalho por trás de uma mesa. Mas aconteceu de ter que vir aqui agora e você lucrou com isso.

— Eu me enganei, quando disse que queria falar com qualquer Ransome — disse Snake lentamente, com os olhos fitos nos de Rufus. — Você devia ser muito jovem naquela época...

— Que época?

— Não importa, esqueça. Continua sendo muito jovem.

— Nem tanto, tenho vinte e dois anos. Disse que se chamava Wild Snake e que sabíamos o que significava sua presença em Mesa Colarada. Mas confesso que não tenho a menor idéia.

— Claro que não. Já disse que não tinha pensado em você, quando pedi uma audiência, por ser jovem demais.

— E você, por acaso, é algum velho? — riu Rufus.

— Não exatamente, sou apenas quatro anos mais velho do que você. Mas já vivi muito, muito mesmo, pode crer.

— Pois eu vivi muito menos que os meus vinte e dois anos — tornou Rufus, abanando a cabeça como que lamentando o fato. — Colégio, academia, vida na cidade grande, o que isso pode dar de experiência a um homem? Fiquei contente quando terminei meus estudos e voltei. Agora as coisas começam a melhorar, vivo ao ar livre, ao sol, em espaços abertos. — Você parece conhecer muito bem todas essas coisas, porque as viveu intensamente.

— É verdade. E agora, se permite, vou embora, não era com você que eu queria falar.

— Então com quem era? Com minha mãe? Com tio Byron ou com meu avô Jonas?

— Jonas — sem querer Snake arregalou os olhos. — Jonas Ransome ainda está vivo?

— E aposto como não vai morrer antes de completar seus cem anos — riu Rufus. — Paralítico numa cadeira de rodas faz quarenta anos, meio cego mas inteiramente lúcido, parece mais um fantasma perdido num tempo que já passou, metido em seu quarto escuro. Mas não tenha dúvida de que está vivo...

— Bem, também não era com ele que eu queria falar — declarou Snake. E acrescentou, pensativo: — Já era assim há muito tempo atrás, um fantasma que resistia a se entregar à morte.

— Afinal, quem era exatamente que você queria ver?

— Sua mãe, Rufus, Abigail Ransome. Ou mesmo seu tio Byron. Soube que seu pai morreu.

— É, um maldito cavalo o jogou precipício abaixo. Está bem, Snake, vou dizer à minha mãe e a tio Byron que você está em Mesa Colorada. Devo acrescentar mais alguma coisa?

— Não, nada — Snake sorriu, enigmático. — Diga apenas isso. Volto outro dia qualquer para saber a resposta.

— Não precisa, não está no hotel, no centro da cidade? — Snake afirmou com a cabeça e Rufus concluiu: — Mando alguém lá.

— Obrigado — os dentes brancos de Snake rebrilharam. — Só espero que não mande gente igual à da estação.

— O quê? — Rufus olhou para ele sem entender a observação.

Snake respondeu, rindo:

— Nada não, tenho mania de falar com meus botões. — Estendeu a mão para o jovem Ransome, acrescentando: — Você não está metido em certas coisas.

Saiu e, minutos depois, estava montado no cavalo que comprara antes de vir visitar os Ran-

some. Como não tinha nada melhor para fazer, cavalgou sem pressa e mais ou menos sem rumo, indo dar no ponto em que o pequeno rio tinha sofrido um desvio artificial, deixando depois disso o braço que ia se perder no deserto. Com isso, uma boa franja de terra tinha perdido a fertilidade que tivera quando o rio seguia seu curso natural. A franja de terra agora ressequida era um rancho, onde havia poucas reses magras, construções precisando urgente de uma boa pintura e um pouco de cuidado, uma casa-grande de aspecto tristonho. De sua chaminé, saía um rolo de fumaça branca e algumas galinhas ciscavam junto da porta dos fundos.

— Enquanto isso, o rio represado fica caudaloso e todo em terras que são propriedade dos Ransome... — murmurou, olhando para o outro lado. — Eles têm toda a água que querem para a lavagem do mineral que extraem das minas...

De repente, a tranqüilidade foi quebrada em mil pedaços pelo ressoar raivoso de um rifle disparando. Foram duas detonações tão rápidas e seguidas, que davam a impressão de ter sido uma só. O cavalo de Snake se assustou e relinchou, levantando-se nas patas traseiras e o cavaleiro, igualmente desprevenido, deu uma volta no ar, antes de cair sobre o chão de terra vermelha. Ficou no chão muito quieto, enquanto a monta-

ria saía correndo, ainda apavorada. O silêncio retornou e um pouco de sangue de Wild Snake caiu sobre a terra ressequida.

CAPÍTULO QUARTO

Uma frente contra os poderosos

O atirador baixou o rifle, sorriu e murmurou para si mesmo:

— São cem dólares contados. Acertei em cheio o sujeito.

Começou a descer da mesa de argila vermelha onde se emboscara e foi-se aproximando lentamente do ponto onde Snake estava caído. Parou pouco antes de alcançá-lo e olhou para as terras dos Drury, murmurando:

— Ninguém. Bem, esses pobres diabos sabem o que lhes pode acontecer, se meterem o nariz onde não é da sua conta.

Certo de que não encontraria mesmo nenhum obstáculo, venceu a pequena distância que ainda o separava de Snake. A primeira coisa que viu foi a mancha de sangue junto da cabeça dele. Depois, sua imobilidade total. Mas como era um sujeito precavido, colocou o rifle em posição e novamente fez mira na cabeça do forasteiro, dizendo-se:

— Não quero deixar a menor possibilidade de dúvida.

O dedo do atirador já estava se curvando no gatilho, quando o que julgava um cadáver se movimentou depressa, fez um giro sobre si mesmo e em sua mão surgiu um revólver, que revidou prontamente os dois anteriores tiros do rifle. Também desta vez os tiros foram tão próximos um do outro, que pareceram um só. O atirador primeiro se assustou com aquela inesperada ressurreição, perdendo uma preciosa fração de segundo. Aí uma das balas varou seu coração de lado a lado. A segunda não era mais necessária, só apressou a sua queda.

Wild Snake se levantou, limpando com um lenço o sangue que manava do ferimento de raspão em sua cabeça e, mantendo a arma em posição, aproximou-se do atirador.

— Nunca o vi mais gordo — murmurou. — Mas não resta dúvida de que é outro pistoleiro alugado por alguém de Mesa Colorada para acabar comigo. Alguém que está tão furioso com minha presença, que não se cansa de tentar me matar...

Sorriu e voltou o rosto a tempo de ver do outro lado da cerca um homem que se aproximava empunhando um rifle. Reconhecendo a figura retaca de cabelos muito grisalhos, ele gritou:

— Não atire, Drury, não está me reconhecendo?

O velho rancheiro não respondeu até chegar bem perto, sempre com o rifle em posição de tiro, e então exclamou:

— Mas é você, Snake! — Olhou para o homem morto e para o rapaz novamente, indagando: — O que aconteceu?

— Quiseram me mandar para o inferno mais uma vez e novamente falharam. Infelizmente, tive que matar esse sujeito. Gostaria de ter podido deixá-lo vivo para que dissesse quem mandou que ele me emboscasse.

— Salte a cerca e entre em minhas terras — convidou Drury. — Estava andando a pé?

— Não, meu cavalo se assustou com os tiros.

Na certa não está acostumado com esta espécie de coisa.

— Lá vem ele — o velho apontou para o animal, que retornava, desconfiado. Snake foi buscá-lo e, trazendo-o pela brida, o fez saltar a cerca baixa de ripas. Saltou ele mesmo em seguida e seguiu lado a lado com Drury na direção da casa principal do rancho.

— O que fazia por aqui? — indagou o velho, depois de algum tempo em silêncio.

— Estava voltando das minas. Não sabia que esta era a sua propriedade e estava observando o rio desviado, quando aquele patife começou a atirar.

— Foi às minas? — mostrou-se surpreendido o velho Drury. — Procurar trabalho?

— Não, não, sou muito mais vaqueiro do que mineiro, não me sentiria bem sujo de cobre até os olhos — riu Snake. — Fui lá atrás dos Ransome.

— O que quer com eles? São gente muito perigosa. E muito poderosa também.

— Queria ter uma conversinha com eles, mas só encontrei o jovem Rufus.

— É o melhorzinho deles. Ele e o avô, este porque está velho e inútil, seja lá para o que for. No seu tempo, dizem que foi uma fera selvagem. Mas não chegue perto de Abigail e de Byron Ransome, são verdadeiros monstros.

— Não se preocupe — sorriu Snake. — Não costumo confiar muito e menos ainda nesses dois.

— Continue assim prudente e vai viver por mais tempo — sentenciou Simon Drury. — Mas vamos falar de coisas mais agradáveis. Fico contente de vê-lo por aqui a estas horas, pois só assim vou poder convidá-lo para o almoço. Minha nora é excelente cozinheira. Pobre garota. Meu filho Garfield nunca soube quanto valia a mulher que tinha, pois estava ocupado demais com sua ambição, seu desejo louco de ganhar dinheiro, fosse lá como fosse. E tudo para que aqueles abutres chamados Ransome se apossassem de metade do que ele possuía!

Certamente ouvindo a voz de seu sogro, Nora Drury saiu pela porta dos fundos e ficou quase um minuto inteiro olhando surpresa para Snake, antes de dizer com um sorriso:

— Olá! Que bom ver você!

— Bom dia, senhora — o tom de Snake foi respeitoso mas os olhos dele não puderam deixar de percorrer a figura esbelta mas cheia de curvas nos lugares certos que tinha à sua frente.

Além disso, vista agora sem o véu negro que a cobria no cemitério, Snake podia constatar que ela era linda. E mais, os olhos dela brilhavam de um modo muito sugestivo.

— Vá entrando, Snake — convidou o velho e todos caminharam para a ampla cozinha. Depois que fez Snake se sentar, o velho Drury ex-

plicou para Nora: — Os tiros de rifle que ouvimos foram disparados por um pistoleiro que emboscou Snake. Ele revidou e liquidou o sujeito.

— Aquele patife ainda conseguiu me ferir — riu o forasteiro, tocando o lugar raspado pela bala.

Nora se aproximou dele com enorme rapidez e, tocando seus cabelos como se o acariciasse, exclamou:

— Céus, tem uma crosta de sangue! Vou cuidar de fazer um curativo. — Afastou-se, rápida, enquanto Snake dizia:

— Não precisa ter tanto trabalho, não é nada. Tive sorte, foi só um ferimento superficial e de raspão.

Nora já estava voltando com uma bacia com água morna e um trapo limpo e, enquanto cuidava do ferimento, sempre com mãos acariciantes, indagou:

— O que há com você? Primeiro, o que aconteceu na estação, agora isto.

— Não sei, desconfio que alguém me detesta — riu o rapaz.

— Suspeita de alguém em particular?

— Nunca se pode ter absoluta certeza dessas coisas — ele respondeu. — Não quando não se tem uma prova. O importante é que continuo vivo...

— Espero que seja sempre assim — os olhos

de Nora se encontraram um instante com os dele. Depois, ela pegou a bacia e o pano que usara para o curativo e se afastou, concluindo:
— Bem, vou refazer as suas forças com um bom almoço. Não cozinho grande coisa mas aposto como sempre o faço melhor do que o cozinheiro do hotel.

— Disso eu tenho certeza — riu Snake. — Nunca senti o cheiro da comida no hotel e o daqui é simplesmente delicioso.

Nora deu uma risada tão clara e alegre, que o velho Simon Drury olhou para ela, surpreso.

O sabor da refeição foi ainda melhor do que seu aroma e Wild Snake comeu bastante e, quando bebia o café, não pôde deixar de elogiar:

— Comi maravilhosamente. Faz muito tempo que não entrava num verdadeiro lar como o que você tem aqui, Drury.

— Volte sempre que quiser — respondeu o velho Simon. — Como vê, não temos nada, as coisas foram de mal a pior. Meus vaqueiros são dois velhos que ficaram aqui por lealdade e dois garotos que deviam estar na escola. Ganham alguns dólares, quando consigo vender algumas reses, comida e alojamento. Mas, como eu dizia, volte quando quiser e o pouco que temos dividiremos com você.

— Vocês precisavam de alguém que realmente os ajudasse — disse o rapaz, pensativo.

— Sim, mas quem? Um vaqueiro jovem, forte

e experiente não ia querer trabalhar por alguns dólares de vez em quando, casa e comida. Snake, creio que nem com uma varinha mágica a situação poderia melhorar.

— Bastava um, um só homem que dirigisse os outros e tivesse pulso firme.

— É como eu disse, qualquer vaqueiro realmente capacitado iria cobrar um preço alto pelos seus serviços e eu não tenho dinheiro para isso. Por outro lado, o problema maior, realmente, não é de pessoal, é de água. Com água, eu, Nora e os outros poderíamos viver um pouco melhor.

— Eu sei. Vi o riacho e, se ele fosse desviado, suas terras seriam férteis.

— Claro, ele foi desviado para as minas.

— Não diga! — Snake olhou surpreso para o velho Drury.

— É isso, meu amigo. Os Ransome precisavam de muita água para lavar o mineral. Não havia outra corrente de água por perto, então eles desviaram a que corria por minha terras.

— Mas você podia protestar — exclamou Snake, indignado.

— E quem daria atenção aos meus protestos? Mesmo assim, falei com Ward Saunders e ele me respondeu que infelizmente os Ransome eram bocado demais para mastigar e tudo ficou por isso mesmo.

— Decidi uma coisa, Drury — disse Snake, sorrindo depois de breve pausa. — Deste mo-

mento em diante, você tem mais um vaqueiro a cinco dólares por mês, casa e comida. Se as coisas melhorarem, você aumenta o salário para dez dólares mensais.

— O que está querendo dizer? — o velho afastou da boca o cachimbo que acendera pouco antes.

— Que, se me aceitar, fico com vocês para tentar levantar o rancho.

— Wild! — gritou Nora, vindo na direção dos dois homens, tão rápida quanto uma rajada de vento, as mãos pingando água. Tudo indicava que ela ia se atirar contra o forasteiro, mas no último momento vacilou, corou, murmurou: — Obrigada. — E voltou para a pia onde lavava os pratos do almoço.

Snake tratou de disfarçar o gesto que fizera, quase erguendo os braços para ela, perguntando ao velho Drury:

— Como é, sou seu novo vaqueiro?

— Céus, você acha que posso recusar?

— Espero que não.

O velho pôs o cachimbo na boca, soltou uma nuvem de fumaça e depois falou:

— Você é louco, mas eu não. Vou recusar, não posso ser responsável por sua morte.

— Tolice! — riu o forasteiro. — Eu não era seu empregado e tentaram me mandar para o diabo duas vezes.

— Mas é muito perigoso, Snake, se já agora

alguém quer liquidar você, imagine o que não farão quando descobrirem que está me ajudando.

— Corro o risco.

— Mas não é justo.

— Eu acho que é. Não vamos falar mais nisso, assumo toda a responsabilidade. De agora em diante, tem mais um empregado no rancho, certo?

Estendeu a mão para Simon Drury, que não teve outro jeito senão apertá-la, concordando:

— Está certo, você fica e eu mentiria, se dissesse que não estou contente com isso. Mas devo dizer também que estou morrendo de medo.

— Pois não tenha — respondeu Snake, rindo e tocando na testa com a ponta de um dedo. — Tenho um plano aqui e creio que ele vai dar resultado.

— Posso saber do que se trata? — indagou Drury, meio desconfiado.

— Claro, você é o principal interessado.

Durante uma hora inteira, os dois conversaram sobre o plano e suas conseqüências e no fim o velho Simon ficou completamente convencido e esperançoso.

O ferimento na cabeça de Snake não era mesmo mais que um arranhão, de modo que não o impediu de pôr em prática as medidas necessárias para levar sua idéia avante. Por sorte, não precisou ir à cidade comprar nada do que iria utilizar, mas os preparativos duraram a tarde

toda. De quando em quando, ele arriscava um olho para a casa, mas parecia que Nora se tinha metido em seu quarto, ainda envergonhada com a animação que demonstrara.

Snake só foi vê-la novamente na hora do jantar, mas ela estava silenciosa, de olhos baixos e vestindo um vestido preto.

* * *

O estampido surdo, profundo, fez estremecer a terra muitos quilômetros em torno. Pedras, terra e água saltaram em esguichos em todas as direções e, passado o primeiro impacto, o terreno, que era mais alto e aladeirado na parte pertencente aos Ransome, fez o resto. A água do rio voltou ao seu leito natural, turva e espumante. Com aquilo, as terras do Rancho Drury voltariam a ser férteis como eram antes que os Ransome desviassem a corrente.

Saindo de trás do abrigo improvisado onde Snake os metera, Simon Drury e sua nora se entreolharam com olhos arregalados e a moça indagou:

— E agora? — ao mesmo tempo que seus olhos iam para as terras da poderosa família.

— Talvez aconteça o pior — respondeu o velho. — Mas Snake tem razão, covarde é aquele que se entrega sem luta ao poderoso. Mais vale

morrer lutando, do que vegetar longamente humilhado e vencido.

Sujo de terra vermelha, fumaça e água barrenta, Snake, que se aproximara a tempo de ouvir a resposta de Drury, sorriu, dizendo:

— É assim que penso. De qualquer modo, não tenha receio de surpresas. Instalei na cerca um sistema de alarma que vai disparar cada vez que um estranho se aproximar. Do resto, eu me encarrego. Que diabo, afinal sou o capataz do seu rancho, não é? — concluiu, com uma risada.

— Precisa tomar um banho — disse o velho em seguida, metendo na boca seu cachimbo.

Seguiram todos na direção da casa-grande e Nora foi buscar uma toalha limpa. Quando voltou, Snake estava-se lavando com água que tirara de uma barrica-depósito e pusera num balde.

— Obrigada por tudo o que tem feito por nós, Wild — ela murmurou, receando que ele lesse seus pensamentos. Era jovem, forte, estava sem marido fazia muito tempo já e não pudera deixar de desejar o forasteiro audacioso, inteligente e destemido que o destino pusera em seu caminho justo no instante em que enterrava Garfield.

— Não tem o que me agradecer, Sra. Drury — respondeu o rapaz, o mais naturalmente possível.

Certamente, a beleza e juventude de Nora Drury tinham posto o sangue dele a correr mais depressa mas refletira boa parte da noite sobre

aquilo e chegara à conclusão de que não devia brincar com fogo. Não tinha nenhuma inclinação por Nora e, dadas as circunstâncias, ela não era uma mulher com quem dormisse uma noite e logo fosse deixada para trás. Portanto, o melhor era manter distância. Como capataz do rancho, tinha que fazer o que fosse melhor para ele.

— Por cinco dólares mensais? — ela riu.

— Não importa, vocês me pagarão mais, quando for possível.

Nora ficou silenciosa um instante, mas depois observou:

— Estou muito preocupada. O que fez vai nos trazer muita complicação, os Ransome não vão se conformar.

— Há uma velha lei neste território que diz que ninguém pode alterar nenhum curso d'água, sendo perfeitamente legal fazê-lo voltar ao leito primitivo, se alguém tiver desobedecido a Lei. É o nosso caso.

— Eu sei que existe essa lei, mas o xerife Ward Saunders vai reconhecê-la? E os Ransome, vão se conformar com o que fez?

— Não sei e não estou muito interessado em saber. A Lei é uma só para todos. Se as coisas piorarem, podemos levar o caso a um tribunal em Phoenix, em Tucson.

— Aqui há outras maneiras de ditar leis e outra espécie de tribunal, Wild.

— Também conheço isso — ele riu, pegando a toalha que Nora lhe estendia, evitando habilmente que suas mãos se tocassem. — Se eles quiserem lutar nesse plano, podem ficar certos de que não me vão encontrar de braços cruzados.

— Mas não somos nada, nem ninguém diante de todo o poder dos Ransome, Wild!

— Senhora Drury, mesmo os prepotentes Ransome sabem que de quando em quando são obrigados a respeitar a Lei. Se eu passar um telegrama solicitando a presença de um juiz federal para um caso grave e sério, pode apostar que ele virá .e as coisas vão ficar difíceis para muita gente em Mesa Colorada. E eles sabem que posso fazer isso com facilidade.

Houve um silêncio, enquanto Snake se enxugava com a toalha pobre e áspera mas muito limpa, e por fim Nora murmurou:

— Wild.

— Mais receios, senhora Drury? — ele indagou, rindo.

— Por que não me chama simplesmente Nora?

— Certo, por que não?

— Vamos conviver, espero que por muito tempo — ela continuou. — Vamos ter que passar

muita coisa juntos. Não vejo por que haver cerimônias entre nós.

— Tem razão, vamos ter que formar uma frente unida — riu Snake.

CAPÍTULO QUINTO

Confidências a meia voz

Nora ficou um instante desconcertada. O jeito sério com que Snake falava era uma barreira que ela não podia transpor. Por isso, guardou para si mesma a idéia de uma conversa mais descontraída e observou:

— Você é muito estranho!

— Eu? — ele riu, pendurando a toalha num lugar qualquer. — Por que acha isso?

— Quem é você realmente? Por que está em Mesa Colorada? Por que alguém quer matá-lo? E quem é esse alguém?

— Perguntas demais — Snake continuou rindo. — Por que se preocupa com elas?

— Você insistiu em ficar conosco, sabendo o perigo que isso representa. Sou muito grata, sem dúvida, mas não posso deixar de me preocupar com o que aconteça a você. Por que tomou tal decisão? O que vai ganhar com isso?

— Não é necessário ganhar para fazer determinas coisas.

— Mas é quando se está arriscando a vida. Ninguém faz isso apenas por fazer. O que procura em Mesa Colorada?

— Talvez um velho assunto que não ficou resolvido — Snake respondeu, encolhendo os ombros largos.

— Uma vingança.

— Também pode ser chamado assim. Ou ajuste de contas. Ou outro nome qualquer — ele concluiu, rindo de novo.

— Com quem?

— Não tenho certeza ainda.

— Não é com os Ransome? — Nora franziu a testa.

— Podia ser mas, como já disse, ainda não tenho certeza.

— Eu não disse que você era estranho? Como é que vem a um lugar desconhecido lutar contra alguém que não sabe quem é? Isso é absurdo, não tem sentido.

— Há coisas absurdas e sem sentido que só são assim na aparência.

Nora vacilou um instante e depois indagou:

— Não gosta de falar no assunto, não é?

— Não, senhora Drury, nem me aborrece, nem me agrada, é indiferente.

— É melhor sair daqui, se você já voltou a me chamar senhora Drury — disse Nora, rindo. — Mas não mudei meu ponto de vista, continuo achando que você é um homem estranho, misterioso, desconcertante e muito simpático!

Depois da declaração, quase correu para dentro e ele ficou rindo sozinho, pensando que, se não fossem as circunstâncias, bem poderia levar Nora para a cama. Como isso não era possível, virou a cabeça na direção do rio e deu uma risada, falando alto:

— Quero ver como vocês vão se arranjar agora, sem água.

* * *

A afluência de gente ao *saloon* era enorme e Wild Snake deixou que todo mundo entrasse,

depois do que se encaminhou para lá sem pressa. Passou pela porta de molas e se viu numa espécie de vestíbulo, onde havia um pequeno balcão que tinha por trás um homem, uma estante cheia de pequenos nichos, cada qual contendo pelo menos um revólver. No alto da estante, havia uma tabuleta e ele leu:

Se quer diversão, deixe suas armas aqui; se prefere as armas, então não entre.

Snake sorriu e observou melhor o homem por trás do balcão e seu companheiro, que ficava fora dele. Todos dois estavam vestidos como garçons e tinham cada um dois revólveres pendurados na cintura.

— Não têm dificuldades para cumprir essa ordem? — indagou aos dois homens, apontando a tabuleta.

— Um pouco, no princípio — respondeu um dos homens, sorrindo. — Mas Rex Irwin sempre sabe como fazer cumprir suas leis.

— Não resta dúvida de que é uma boa medida — riu Snake. — Estando armados só vocês dois, fica muito mais fácil dominar qualquer espécie de tumulto que surja no salão. Bem poucos xerifes teriam não só a idéia como a força para fazer prevalecer a ordem.

Snake tirou o cinturão, passando-o ao homem por trás do balcão, que, depois de acomodá-lo

num nicho vago, deu a ele uma pequena placa numerada, mediante a qual poderia reaver as armas, quando saísse do *saloon*. Aos seus ouvidos já tinha chegado o som do piano, numa canção brejeira, e ele se encaminhou para a cortina de pesado veludo vermelho, que afastou e deu uma olhada para a sala repleta.

Realmente, não havia uma só pessoa armada ali. Seu segundo olhar foi na direção do piano, à direita de um pequeno palco, agora com a cortina baixada. Sentada na banqueta, com os cabelos louros muito bem penteados, Glenda era uma flama verde, brilhante e linda no meio daquela porção de homens rudes, ásperos e às vezes não muito limpos.

— Não tem dúvida que o dinheiro do tal Brady foi muito bem empregado — ele se disse sorrindo e se encaminhando para o bar repleto. Encontrou um lugar na ponta do balcão e pediu uísque para o empregado que o atendeu. E recomendou: — De boa qualidade.

O copo com o líquido foi prontamente posto à sua frente e ele experimentou com um pequeno sorvo.

— O que acha? — indagou o *barman*.

— Excelente, tem aroma, cor e sabor.

— Sou um entusiasta do uísque, como creio que todo mundo também é, não compro nenhum que não seja de boa qualidade — disse alguém ao seu lado.

Franzindo ligeiramente as sobrancelhas, porque não gostava de familiaridades com outros bebedores que encontrava em bares e *saloons*, Snake olhou para o homem que falara. Era alto, sem um grama de gordura no corpo coberto por um terno de excelente tecido e ótimo corte. Tinha uma gravata de seda negra no pescoço, um bigode fino e bem cuidado e fumava um longo cigarro de fumo especial da Virgínia. A boca era carnuda e sorridente, os olhos escuros como os cabelos e a aparência, de um modo geral, era agradável.

— Rex Irwin? — indagou Snake.

— Bom observador, amigo! — riu o outro. — Mas também sou. Wild Snake, não é?

— Sim, como soube?

— Pelo mesmo método que você detectou que sou o dono disto. Dedução, nada mais. — Olhou na direção do piano e seu sorriso se acentuou, enquanto prosseguia: — Alguém me falou num forasteiro alto, simpático, cavalheiresco e, conhecendo todo mundo nesta cidade como conheço, a descrição só se adaptava a você. — Estendeu a mão e, antes de apertá-la, Snake viu brilhar nela um grande solitário de alto preço.

— Também espero que conhecê-lo seja motivo de satisfação — respondeu Snake à fórmula empregada por Rex Irwin.

— A senhorita Turner o põe nas nuvens quan-

do fala de você — disse o dono do *saloon*, com outro olhar para a moça ao piano.

— Diz o mesmo de você.

Irwin fez um sinal para o homem do bar, que imediatamente lhe serviu um uísque e, depois de bebericar um instante, voltou a falar:

— Agradeço o que fez por Glenda, Snake, eu não estava na cidade e aquele porco se aproveitou disso. Não teve mais do que merecia. Aliás, Mesa Colorada está cheia de porcos como Brady.

— Já notei isso — riu Snake. — Quanto ao caso com a senhorita Turner, acho que quanto menos se falar nisso, mais depressa ele será esquecido.

— Mas tenho que falar, Snake. Ninguém mais nesta cidade teria ido ajudá-la. Glenda teve muita sorte que você estivesse aqui. Brady era um rato mas trabalhava para gente importante da cidade.

— Os Ransome?

— Vejo que você aprende depressa — comentou Irwin, com um sorriso malicioso.

— Desde que cheguei não ouço falar em outra coisa que não seja o poder e a riqueza dos Ransome.

— Ouvi dizer que liquidou sozinho um comitê de recepção de quatro pistoleiros que esperavam por você na estação.

— Tive sorte e usei os miolos, nada mais.

— Pode ser. — Irwin coçou o queixo distrai-

damente e em seguida acrescentou: — Glenda vai ficar contente de ver você aqui, é uma ótima garota.

— Sei disso. Ela estava aturdida e confusa naquele dia, mas logo vi que não se tratava de uma mulher vulgar de *saloon*.

Os olhos do jogador e dono do *saloon* se fixaram na bela mulher ao piano e ele disse lentamente:

— Ela tem classe e dá *status* à minha casa. Gosto que ela seja respeitada porque merece. Tinha uma carreira promissora de concertista mas a vida não escolhe a quem ferir. Com seu bom gosto, inteligência e sensibilidade poderia ter ido longe, mas ela sabe melhor do que ninguém que é melhor tocar aqui do que nada, ou coisa pior.

— Digamos que não possa continuar sua carreira de concertista, mas por que não procurar colocação numa cidade maior, Boston, São Francisco, Saint Louis? — indagou Snake.

— Não sei, nem pretendo perguntar, embora tenha pensado nisso muitas vezes. Desconfio que está aqui por alguma razão específica, que desconheço. — E acrescentou, sorrindo: — Como você.

— Eu? — Snake franziu de novo as sobrancelhas. — O que o leva a pensar isso a meu respeito?

— Mais uma simples dedução — riu Irwin. — Não ligue para as minhas brincadeiras, sou natu-

ralmente divertido. E nunca faço perguntas, cada um vive a vida que quer ou que pode, vai ou vem para onde lhe der na telha, isso não me preocupa nem um pouco. Jamais fiz perguntas, nem mesmo a Glenda, a quem admiro e estimo muito.

— Eu costumo fazer — replicou Snake calmamente. — Está apaixonado por sua pianista?

— Não sei. — Irwin encolheu os ombros fortes. — Para ser franco, nunca parei para pensar se estava ou não. Mas, se estivesse, nunca diria a ela.

— Ora essa, por que não?

— Porque somos diferentes. Nascemos em mundos distintos e, apesar das circunstâncias, a vida não mudou isso. Qualquer um pode ver que Glenda é uma menina fina, enquanto eu me fiz por mim mesmo, sou duro, rude. Um dia ela vai achar o homem adequado, se casará com ele, terá filhos, enfim, um lar.

— Você é surpreendente, Irwin!

— Não, sou apenas realista. Mas vamos deixar de falar de Glenda. Fale-me de você.

— Pensei ter ouvido você dizer que não se interessava pela vida de ninguém — riu Snake.

— E é verdade, mas simpatizei com você e não vejo por que não perguntar se vai ficar muito tempo em Mesa Colorada.

— Talvez fique algum tempo.

— Procura trabalho?

— Não, já tenho.

— Uma pena, eu poderia lhe dar um emprego razoável. Com quem está trabalhando?

— Com os Drury.

— Não! — Irwin recuou, um tanto espalhafatosamente.

— Por que não? Eu conheci o velho Drury e sua nora no dia do enterro do filho dele, Garfield. Viajei no caixão dele uma parte do caminho até aqui.

— Ouvi falar nisso também — sorriu o dono do *saloon*. — Mas acha mesmo que fez uma coisa inteligente indo trabalhar com os Drury?

— Não, digamos que fui trabalhar para eles por simples sentimentalismo.

— E o que faz no rancho?

— De tudo um pouco. Sou capataz, vaqueiro, qualquer coisa que precisar — Snake riu, zombeteiro. — Comecei hoje e já estou aqui gastando o adiantamento que me deram.

Rex Irwin enrugou as sobrancelhas, sentindo que Snake zombava dele. Todo mundo sabia que os Drury não tinham dinheiro para admitir vaqueiros e muito menos para pagá-los adiantadamente. Depois, sorriu irônico dizendo:

— Desejo que tenha sorte em seu novo emprego, vai precisar muito dela. E nem sonhe em desviar o rio.

— Já desviei.

Irwin se sobressaltou, enrugou de novo as so-

brancelhas e, sacudindo a cabeça pensativamente, respondeu:

— Foi o que receei assim que me disse que trabalhava com os Drury. Sabe o que vai acontecer agora?

— Claro, os Ransome vão protestar — riu Snake.

— Vão fazer muito, muito mais do que isso, e você sabe.

— Veremos quando chegar a hora. Nunca ato os bois adiante do carro.

— Que Deus ajude você, Snake! A você e aos Drury.

— Não sou muito religioso, mas sempre tenho esperado que ele me ajude sempre, não apenas agora — riu o forasteiro.

Beberam em silêncio, enquanto Glenda terminava sua atuação ao piano. Ela se levantou, majestosa como uma rainha, debaixo dos aplausos da clientela do *saloon*, e se encaminhou para um pequeno reservado, onde costumava descansar um pouco entre suas apresentações.

— Aposto o que quiser como Glenda terá muita satisfação em rever você — disse Irwin, afinal. — Vá fazer companhia a ela, enquanto providencio uma garrafa de champanha.

— Por que é tão gentil assim comigo? — indagou Snake, olhando fito nos olhos do dono do *saloon*. — Nós mal nos conhecemos.

— Porque gosto de muita coisa em você —

respondeu Irwin, sorrindo. — Aqui dificilmente se encontra um cavalheiro e você foi um, quando livrou Glenda das investidas de um porco como Brady. Pode se contar nos dedos os homens verdadeiramente corajosos que há por aqui e você foi dos mais valentes liquidando o comitê de recepção que estava à sua espera na estação. Pouca gente por aqui é generosa e você mostrou sê-lo, indo trabalhar por dois centavos com os pobres Drury. Chega? Só por isso acho que merecemos beber um copo de champanha juntos.

Sem esperar resposta, Irwin se afastou e Snake não teve alternativa senão atravessar a sala até o reservado onde estava a pianista. Surpreendeu-se um pouco com o quase luxo com que a salinha fora arrumada, mas deixou aquilo de lado, mais interessado em Glenda, que o recebeu com um sorriso, dizendo:

— Que bom ver você! Está-se divertindo?

— Você é uma verdadeira artista — respondeu Snake, sentando-se junto da moça. — Merecia estar em Tucson ou Phoenix e não num fim de mundo como Mesa Colorada.

— Talvez tenha razão — ela sorriu. — Costumo descansar aqui entre uma apresentação e outra.

— Irwin me disse. Ele vem aí com uma garrafa de champanha.

— Quer dizer que simpatizaram um com o outro?

— Parece que sim — riu Snake. — Talvez tenhamos alguma coisa em comum. Por exemplo, ele gosta muitíssimo de você.

— Eu sei — Glenda pestanejou, corando. — Ele tem se mostrado muito meu amigo. Mas ainda não tive tempo de agradecer a você convenientemente. Naquele primeiro instante, tudo me parecia tão confuso e horrível!

— Não pense mais no caso, senhorita Turner.

— Meu nome é Glenda, Wild — disse, sorrindo de um modo que o fez sentir um arrepio na espinha.

Para disfarçar, Snake comentou:

— Você toca muitíssimo bem!

— Essa musiquinha ordinária? — Glenda deu uma pequena risada contida. — Qualquer principiante a tocaria. Mas já imaginou o que fariam os clientes de Irwin, se eu me pusesse a tocar Chopin?

— Faço uma idéia — Snake riu também, enquanto um garçom entrava, trazendo o champanha. Depois que a bebida foi servida, ele olhou das bolhas que se formavam no copo para os olhos de Glenda e continuou: — Eu me pergunto o que uma mulher capacitada e de trato faz aqui, perdendo seu tempo, sua beleza e sua juventude num lugar como este.

— Não vamos falar nisso — ela respondeu apressada. Ergueu o copo, fazendo um brinde: — A você.

— A você, para que logo possa tocar Chopin num lugar digno de sua capacidade.

— Eu brindo apenas por uma boa amizade, desejando que você encontre bem depressa a razão de sua existência.

Snake continuou olhando para ela e depois mal tocou o copo com os lábios, dizendo em seguida:

— Você parece muito observadora, por acaso tem idéia do que estou fazendo aqui?

— Não, não sei, embora reconheça que às vezes sou observadora. Mas acho que você é um homem preocupado com alguma coisa, algo que se tornou quase uma idéia fixa, e isso de algum modo tem relação com o fato de você estar em Mesa Colorada.

— Você é mais do que observadora — ele comentou. — Ninguém mais percebeu o que você leu em mim com tanta facilidade.

— Talvez não tenham se interessado — ela sorriu. — Eu tenho até a impressão de que você não é exatamente um forasteiro aqui.

— O quê? — ele endireitou o corpo vivamente.

— É verdade — ela sorriu. — Você me dá a impressão de que já esteve aqui, faz parte deste lugar.

Wild Snake bebeu um bom trago do champanha, depois olhou de novo dentro dos olhos da moça e respondeu:

— Você acertou em cheio, Glenda, eu nasci aqui.

CAPÍTULO SEXTO

Vitória em uma batalha não ganha a guerra

O gado estava sendo reunido para ir beber, quando Snake saiu do seu alojamento num barracão junto da casa principal do Rancho Drury. Foi direto para a barrica de água, que deixara cheia na noite anterior, e se lavou vigorosamente.

Enquanto se enxugava, olhou para o céu, sentindo no rosto uma leve brisa que cheirava a umidade.

— Vai chover — comentou para o velho vaqueiro que estava perto.

O homem respondeu, com um longo suspiro:

— Vai sim e queira Deus que toda a desgraça do dia seja só essa!

— O que quer dizer? — indagou Snake, atirando a toalha com que se enxugara num canto qualquer.

— Nada, mas é bom saber que vi dois cavaleiros ali perto da mesa, percorrendo o antigo leito do rio, não faz uma hora.

Snake enrugou a testa e olhou na direção da mesa vermelha. Não havia ninguém lá, mas isso não significava que o velho vaqueiro estivesse mentindo. O mais certo seria esperar por confusão dentro de pouco tempo. Antes que pudesse dizer alguma coisa, o velho Simon Drury apareceu na varanda da casa e, vendo os dois homens, gritou:

— Vamos ter um aguaceiro, pessoal!

— E outras coisas mais — respondeu Snake. — Vá pôr seu cinturão e examine se sua pistola está funcionando bem.

— O que quer dizer com isso?

— Que gente dos Ransome já esteve percorrendo o falso leito do rio. Sabe o que isso significa.

O velho entrou em casa apressado, reaparecendo minutos mais tarde com o cinturão-cartucheira passado nos quadris e em companhia de Nora, que, de botas, calças de brim, camisa de homem e idêntico cinto-cartucheira passado pelos quadris redondos, adiantou-se para o rapaz, dizendo:

— Estamos prontos para o que der e vier, Wild — e exibiu orgulhosa a carabina Henry que segurava com a mão direita, enquanto a esquerda batia no coldre onde se alojava um 32. — Acabou a passividade e o medo. Se tivermos que morrer, preferimos morrer matando.

Snake quase se espantou com aquela nova Nora que surgia à sua frente e respondeu, sorrindo:

— Prefiro sempre pensar em continuar vivendo. Atenção para o que vou dizer. — O olhar dele passou de Nora para o velho Simon e voltou para ela: — Nada de precipitações. Não se mexam tanto quanto for possível e deixem todas as iniciativas por minha conta. Se for necessário atirar, só façam isso depois que eu tenha começado, entenderam?

— Pode contar conosco, Snake — respondeu o velho Drury.

— Ótimo, agora vamos iniciar as tarefas rotineiras do rancho.

Trabalharam cerca de meia hora, até que Simon Drury disse, com voz tensa:

— Estão aí, Snake.

— Estou vendo — o rapaz ajustou instintivamente o cinturão que sustentava dois coldres. Ficou olhando com expressão calculista a fila de cavaleiros que ainda estava a boa distância. Mas já dava para ver que eram doze homens e todos muito bem armados.

— O que vai acontecer? — indagou Nora.

— O que tinha que acontecer, se vocês não quisessem ficar completamente arruinados, sem gado nem terras de cultivo — respondeu Snake, calmo e tranqüilo, encaminhando-se para a cerca de arame que limitava as terras dos Drury.

Ali esperou o grupo, que sem romper a formação, ficou parado, parecendo estátuas de pedra. Por fim, três homens saíram daquela imobilidade e Snake reconheceu um deles. Era Rufus Ransome. Os outros eram totalmente desconhecidos. Um tinha uma cabeleira cheia e inteiramente branca, rosto curtido e olhos muito azuis. O outro, de meia idade, completamente vestido de negro, tinha toda a pinta do pistoleiro profissional.

— Olá! — saudou Rufus Ransome, com voz clara, colocando-se mais perto da cerca. — Já nos vimos antes, lembra?

— Claro — sorriu Snake. — Falamos no escritório da mina. Veio me dizer que os mais velhos de sua família estão prontos a me receber?

— Não. Na verdade, não sabia que você estava aqui, vim para falar de outros assuntos.

— E para uma simples conversa trouxe tantos amigos? — o olhar de Snake passeou irônico sobre o grupo e se fixou no sujeito todo de negro.

— Bem, eles me acompanharam para o caso de acontecer alguma coisa. Vim para falar com o responsável por isso e...

— Por isso o quê? — interrompeu Snake.

— Aquilo — Rufus Ransome indicou o rio desviado. — A Lei tem penas severas para quem desvia cursos d'água naturais, ainda mais quando isso prejudica terceiros. Você ou Drury não podiam ter feito o que fizeram, pois o rio pertence às nossas terras e é indispensável para a lavagem do metal.

— Estimo que esteja tão bem informado sobre as penas da Lei para quem desvia cursos d'água — riu Snake. — Por outro lado, não sei se sabe que esse terceiro de que falou, prejudicado pelo desvio do curso d'água, pode retificá-lo quando bem entender, sem incorrer em nenhum crime.

— Vamos com calma, Snake. As minas são uma coisa muito importante nesta comunidade, dão de comer a muita gente, quase posso dizer que é a razão de Mesa Colorada viver. Como é evidente, não pode ficar sem água que...

— Riqueza e poder nada têm a ver com a Lei, que é feita para todos, Rufus — replicou Snake. — O rio foi alterado criminosamente e eu o

trouxe para o seu leito natural. Qualquer juiz federal me dará ganho de causa e você sabe disso.

— Não queremos violências, nem conflitos — tornou Rufus Ransome. Fazendo um gesto para o homem de cabeleira branca, concluiu: — Mas se for necessário, não vamos nos acovardar. Ouça o que Ulysses Bauman, nosso capataz, tem a dizer.

— Em poucas palavras, estamos aqui para provar que uma empresa poderosa como a da família Ransome não vai perder para um punhado de rancheiros miseráveis e teimosos — explicou Bauman. — Trouxemos armas e dinamite e vamos fazer a água retornar ao leito onde estava antes. Se houver reação, vai acontecer uma luta que vocês estão antecipadamente fadados a perder; se concordarem sem protesto, a família Ransome aceita conceder uma gratificação de mil dólares. A decisão é de vocês.

Os outros cavaleiros puseram seus rifles em posição, assim que Bauman pingou o ponto final em sua última frase e o pistoleiro de preto acariciou o cabo do revólver, enquanto sorria de olhos fitos nos de Snake. Uma rajada de brisa mais forte e com mais cheiro de umidade tocou o rosto de todos os que ali estavam. A tensão durou alguns minutos, contados por Bauman com o auxílio de um grande e pesado relógio de prata que tirou de um bolso.

— Seu tempo está se esgotando, Snake — disse Rufus Ransome de repente.

— Continuo interessado numa entrevista com sua mãe, seu tio ou os dois — respondeu o rapaz.

— Esse não é um assunto para ser tratado agora.

—Talvez não seja para você, mas para mim é. Falou com eles sobre meu pedido?

— Não vai ganhar coisa alguma nos enfrentando, Snake.

— Vou me lembrar disso — riu Snake. — Da próxima vez, vou lamber as botas de todos os Ransome que encontrar, antes de pedir uma audiência.

— Não pense que tentar ganhar tempo com tolices leva você a algum lugar — rosnou o capataz Ulysses Bauman. — Cinco minutos já se passaram, se não der uma resposta dentro de outros cinco vou começar a dinamitar os restos do desvio para construir outro. Metade dos meus homens fará isso e a outra metade protegerá os companheiros, doa a quem doer, entendeu bem?

— Perfeitamente — respondeu Snake, movendo as mãos com rapidez e com igual agilidade o pistoleiro vestido de preto levou a mão ao revólver e ali a deixou, ao dar com a cara risonha e zombeteira de Snake, que tinha as mãos apoiadas no mourão da cerca. — A resposta é que decidimos conservar as coisas como estão. É o

legal e o justo. O curso de água sempre pertenceu às terras dos Drury e não importa que eles sejam rancheiros quase arruinados e a empresa mineira rica e poderosa. Qualquer tribunal vai dizer isso mesmo.

— Isto aqui não é nenhum tribunal — berrou Bauman, furioso. — Mesa Colorada está muito distante disso e de juízes de qualquer espécie. Resolvemos nossos problemas à nossa moda mesmo e vamos fazer isso mais uma vez agora.

— Sinto muito — respondeu Wild Snake. — Eu gostaria de resolver as coisas como pessoa civilizada, diante de uma mesa, conversando. Mas vejo que as coisas em Mesa Colorada continuam iguais ao que foram quando eu era menino.

— Não me interessa o que se passou com um forasteiro quando ele era menino — tornou Bauman. — Mas se não sabia como aconteciam as coisas em Mesa Colorada, vai ficar sabendo agora.

— Aí é que você se engana, que todos se enganam — riu Snake. — O nome Snake significa algo para alguém daqui. Ele me foi posto por meus pais adotivos, por terem me encontrado no deserto junto de um ninho de serpentes. Por casualidade, acharam que o primeiro devia ser Wilder, que todos abreviaram para Wild. Serpente selvagem ficou mesmo uma combinação estranha. Tão estranha, que meus pais adotivos pensaram em mudar tudo, mas aí era tarde. Lembra-

se disso, Bauman? Talvez já nesse tempo trabalhasse para os Ransome. Meus pais adotivos não eram amigos de sua família, Rufus. Pelo contrário. E um dia eles foram assassinados. Ou melhor, minha família adotiva foi toda assassinada, meu pai Charles, minha mãe Hattie, meu irmão Robert, só dois anos mais velho do que eu. Não sobrou um só membro da família Darnell. Isso aconteceu faz quatorze anos, Rufus, e vim a Mesa Colorada saber por que os Darnell foram assassinados e quem ordenou o assassinato deles.

Todo mundo se entreolhou, desconcertado, mas Bauman, recobrando a presença de espírito, bradou, erguendo uma das mãos:

— Tempo esgotado! Podem começar a trabalhar, rapazes. — E olhando para Snake, prosseguiu: — Não tenho nenhum interesse por histórias patéticas. O que vale agora é que vamos devolver o rio ao seu leito anterior e vocês perderam todo direito não só aos mil dólares como a qualquer tipo de reclamação. Adiante, rapazes!

Cinco homens se agitaram sobre os cavalos, que saíram a trote largo na direção do rio. Tranqüilo, Snake apenas olhou para um dos vaqueiros dos Drury, que, sem armas, estava sentado numa pilha de troncos. O vaqueiro se virou um pouco para trás, como se fosse pegar alguma coisa atrás da pilha.

— Não tentem coisa alguma — avisou o pistoleiro de roupas pretas. — Temos todos debaixo

das nossas armas e seria tolice pensar que nos surpreenderiam.

Depois de um silêncio, Snake, que continuava com as mãos apoiadas no mourão da cerca, disse calmamente:

— Pela última vez, Rufus, vão embora e me arranje uma entrevista com sua mãe ou com seu tio.

— Ouviu o que Bauman disse, Snake — replicou o jovem Ransome. — Perderam a oportunidade. Agora é tarde para qualquer coisa. Além disso, a decisão de nos mandar aqui foi do tio Byron e de minha mãe. Não posso desobedecer as ordens que recebi.

— Muito bem — disse Snake. — Fiz tudo o que estava ao meu alcance para evitar derramamento de sangue. De agora em diante, tudo vai ser problema em Mesa Colorada por causa dessa água.

— Tolice! — rosnou Bauman. — Os únicos a terem problemas serão você e os Drury, que foram atrás da sua conversa. — Agitou a mão direita e berrou para seus homens: — Coloquem a dinamite, rapazes.

Os homens desmontaram, segurando bolsas com o explosivo. O velho peão dos Drury continuava sentado na pilha de troncos, meio derreado para trás, olhando o grupo que parlamentava com uma cara aparentemente idiota. De novo, o olhar de Wild Snake se encontrou com o dele e

a cabeça do jovem balançou imperceptivelmente. O velho então acionou um êmbolo colocado numa caixa metálica por trás da pilha de troncos e um verdadeiro inferno pareceu se instalar nas proximidades do pequeno rio, exatamente onde estavam os homens dos Ransome.

A terra se levantou de repente com um enorme estrondo, cavalos e criaturas humanas voaram despedaçados pelo fragor da explosão, aumentada ainda mais pela dinamite que os empregados da mina tinham nas mãos. Com a onda de expansão dos gases, Bauman caiu do cavalo assim como o pistoleiro vestido de negro, que conseguiu reagir prontamente e, berrando maldições, levou a mão ao revólver. Snake estava preparado para aquilo e não vacilou um segundo. Seu revólver saltou do coldre para a mão como num passe de mágica e o pistoleiro tombou de vez sobre a terra, com a mão direita esfacelada.

O cavalo de Rufus tinha ficado meio louco e saíra disparado, enquanto os homens que tinham ficado com ele e Bauman se refaziam e tentavam revidar o ataque. Mas os Drury e seus dois velhos empregados tinham se colocado por trás do bebedouro de animais, feito de pedra e argamassa, e de lá atiravam com pontaria certeira. Snake se colocara na esquina de um pequeno paiol de material e ajudava seus amigos com grande eficiência. Os tiros acabaram por desorientar por completo a gente dos Ransome, reduzida à me-

tade pela carga de dinamite que Snake semeara na margem do rio e que uma faísca produzida pelo abaixar do êmbolo na caixa metálica tinha feito detonar. Um homem recolheu Bauman, ainda caído no chão, e em seguida fugiram como se o próprio diabo os perseguisse.

Logo se perderam na distância e no meio de uma poeirada vermelha, e o silêncio foi retornando enquanto a brisa espalhava mais e mais o cheiro acre da dinamite. Por fim, Simon Drury saiu de seu refúgio, ao mesmo tempo que Snake também abandonava o seu. Olhando para o rapaz, bradou com voz rouca:

— Conseguimos! Conseguimos, Snake! Não puderam alterar novamente o curso da água.

— Não se anime tanto — respondeu Snake. — É só uma batalha ganha. Eles vão voltar, possivelmente em maior número, e ainda mais violentos. Dificilmente poderemos surpreendê-los novamente.

Nora correu para ele, dizendo quase aos gritos:

— Mesmo assim é uma vitória incrível, Wild. E foi você quem fez esse milagre. Juro como ainda penso que estou sonhando. Parece incrível que tenhamos podido vencer os Ransome.

— Continuo dizendo que não devemos dormir sobre a vitória — tornou Snake, desviando o olhar dos olhos dela, que pareciam lançar chispas. — Temos que trabalhar duramente, pensar em outros meios de surpreender essa gente, pre-

parar outros tipos de defesa. Se conseguirmos vencer uma segunda batalha, aí sim, talvez os Ransome nos procurem para fazer um acordo amigável. — Caminhou para o local onde se dera a explosão e Nora foi atrás dele. Depois de examinar tudo, ele comentou: — Foi tudo muito bem, a explosão não afetou em nada o curso do rio.

Nora se colocou vivamente diante dele e, olhando em seus olhos, indagou:

— É mesmo verdade aquilo que contou?

— É sim, nunca soube quem foram meus pais verdadeiros e os adotivos foram assassinados. Entende agora por que vim a Mesa Colorada?

— Por que acha que os Ransome são os responsáveis pela matança?

— Não tenho certeza. Se tivesse, não estaria procurando como quem procura algo no escuro.

— De qualquer modo, veio para se vingar.

— Não, para fazer justiça. Quando aconteceu, eu era um garoto, não podia fazer nada e fui levado de Mesa Colorada como todo menino sem pais, sem família. Meu pai adotivo não gostava do nome Wilder Snake que me fora dado quase que por brincadeira e pretendia me adotar legalmente como Wilder Darnell. Mas, para fazer isso, teria que ir a Phoenix e ele pouco ia lá. Então aconteceu a matança e eu continuei sendo Wild Snake, sempre era melhor do que nada.

— É uma história horrível — Nora deu mais um passo para ele. — Por que acha que assassinaram sua família?

— Não sei. Só sei que eles eram ricos, tinham dinheiro, terras, eram considerados. Sei também que, morrendo todos os membros da família, os bens passariam ao controle das autoridades, que leiloariam pela melhor oferta. Acontece que neste condado o tempo para isso é de quatorze anos e não de sete, como em quase todos os lugares. Na próxima semana, esse prazo estará vencido e eu vou reclamar os bens como filho adotivo, embora não legalizado. Estive em Phoenix e trouxe de lá uma autorização prévia para fazer isso. Só no caso de haver alguém com mais direitos que eu aos bens dos Darnell, eles não passarão às minhas mãos.

— Mas, Wild, se todos morreram, quem vai reclamar?

— Tenho certeza de que alguém fará isso.

— Quem?

— Não sei. Nas investigações que fiz depois de homem, soube que Darnell teve relações sexuais com alguém desta cidade, da qual nasceu um filho que não foi reconhecido. Tenho uma carta dele falando nisso, mas as palavras são tão medidas e cuidadosas, que não se pode saber muito através dela.

— Não conseguiu descobrir quem era a mulher?

— Não. Descobri rumores, mas apenas isso. A pessoa que podia me esclarecer isso morreu, era tia Edna, irmã de meu pai adotivo Charles Darnell.

— E você vai esperar que esse filho natural apareça reclamando seus direitos?

— Sim, é isso que vou fazer. Ele tem que se manifestar algum tempo antes de se completarem os quatorze anos prescritos pela Lei. E eu estou aqui, em Mesa Colorada, esperando por isso e para saber por quem e por que os Darnell foram assassinados.

Nora estendeu ambas as mãos e as pousou nos braços de Snake, dizendo:

— Desejo muita sorte a você, Wild. Sua vida foi muito dura e ainda tem pela frente muitos riscos e dificuldades. Mesmo assim, você se uniu a nós, enfrentou os perigos a que estamos sujeitos. Acho que eu...

Wild Snake adivinhou o que ela ia dizer. Certamente, Nora era linda, apetitosa, excelente dona de casa, mas ele não estava interessado nela. Como uma aventura podia ser, mas como já se dissera antes, ela não mulher de aventuras. Por isso, cortou a frase dela bem depressa:

— Isso não foi nada, Nora, só espero que a vitória nos sorria — e se afastou, voltando para o lugar onde tinha deixado o velho Drury e seus peões.

CAPÍTULO SÉTIMO

Reação surpreendente

De dia, o *saloon* de Rex Irwin era menos visto-so do que de noite, mas mesmo assim continuava surpreendendo tanto luxo num lugarejo perdido como Mesa Colorada. Irwin bebeu um trago de

uísque que mandara servir e em seguida comentou, rindo:

— Conseguiu mesmo, hem, Snake? Não se fala de outra coisa em toda a cidade.

— Não foi nada — Snake sorriu, modesto, bebericando o uísque.

— Ontem, quando esteve aqui, pensei que por muito que pudesse fazer pelos Drury, isso não duraria e você só iria assinar sua própria sentença de morte. Mas você desviou o leito do rio e está aqui contando a história.

— Eu já disse, não foi nada, apenas uma vitória parcial. Ontem eu não sabia exatamente o que fazer, nem o que ia acontecer. Apenas tomei precauções mas, logo ao amanhecer, compreendi que ia haver tempestade.

Como para confirmar suas palavras, um trovão estrondou e Irwin comentou, rindo:

— Bem, temos aí uma tempestade, só que diferente daquela a que você se referiu. Se voltar para o rancho, vai chegar empapado.

— Isso não me preocupa — riu Snake. — Creio que as provisões que vim comprar para os Drury já estão arrumadas na carroça e o melhor que faço é não me demorar mais por aqui. Quero chegar ao rancho antes que escureça de todo.

— A continuar como está agora, a noite vai ser dura — comentou Irwin, olhando pela janela. Em seguida, fitou Snake, acrescentando: — É

verdade que você fez voar a mão de Dustin Redford?

— Dustin Redford! Homem, eu bem que achei não ser estranho de todo aquele varapau vestido de negro — riu Snake, com cara de quem se recordava subitamente de algo. — Então era ele mesmo. Diabo, é o terror do Novo México, um excelente atirador.

— Que você venceu — riu de novo o dono do *saloon*. — Mas apenas feriu a mão dele, por isso deve ter muito cuidado. Redford não é dos que perdoam. Além disso, atira tão bem com a mão direita como com a esquerda.

— Eu também — riu Snake.

— Além de Dustin Redford, corre por aí que Abigail Ransome também contratou outro sujeito do mesmo calibre, Rory Fox.

— Rory Fox, de Nevada! Diabo, a mulherzinha sabe se rodear de gente muito boa.

— Portanto, tenha cuidado, parece difícil pegar você desprevenido. Mas nunca se sabe, não é mesmo?

— Vou ter cuidado. E obrigado pela advertência.

Snake engoliu o que ainda havia no copo, mas Irwin pôs a mão no braço dele, dizendo:

— Não tem o que agradecer. Simpatizei com seu jeito e Glenda está simplesmente impressionada com você. Não fala em outra coisa e ficou preocupada com os últimos acontecimentos.

— Diga a ela que agradeço seu interesse. Cuide bem dela, Irwin, é uma mulher admirável que merece muito.

— Desconfio que ela gostaria muito mais que fosse você quem a protegesse — replicou Rex Irwin, com uma risadinha. — Mas se está ocupado demais com outras coisas, pode deixar que eu tomo conta dela.

— Bem, vou embora — Snake deu uma olhada pela janela. — A chuva abrandou um pouco e é melhor eu aproveitar. Até a vista, Irwin.

Afastou-se do balcão a grandes passos e na rua se pôs a correr na direção do armazém-geral, diante do qual estava a carroça já carregada com os mantimentos, armas e munição que viera comprar. Pagou a conta ao surpreso dono da casa, que há muito tempo não via dinheiro dos Drury, e foi para a carroça. Jogou por cima dos ombros uma velha capa de oleado, ao mesmo tempo que se acomodava na boléia, agitou o chicote e, minutos depois, estava deixando para trás o centro de Mesa Colorada.

A chuva tinha aumentado outra vez e o caminho se transformara num rio de lama vermelha que impedia os cavalos da carroça de desenvolverem boa velocidade. De quando em quando, o céu parecia querer se abrir em violentos trovões e cegantes relâmpagos. O chapéu de Snake tinha as abas caídas e por ela a água escorria sem parar. Mas os olhos dele se mantinham atentos, esqua-

drinhando a penumbra que era cada vez mais densa. Foi assim que ele viu ainda a boa distância a árvore tombada cortando o caminho. Podia ser uma conseqüência natural da tempestade, mas podia ser outra coisa e ele sacou depressa o revólver, reduzindo a velocidade dos cavalos.

Mas suas precauções não lhe valeram de nada. De repente, o aço frio de uma arma tocou sua nuca e uma voz ordenou secamente.

— Não faça um só movimento, se não quiser morrer agora mesmo.

Compreendendo que o inimigo tinha estado todo o tempo escondido debaixo da lona que protegia as compras feitas no armazém, Wild Snake afrouxou as rédeas e a carroça foi parando lentamente, até se deter diante da árvore que cortava o caminho. Do meio do mato e da chuva, surgiram mais homens, que o tiraram da boléia sem muita amenidade, atirando-o na lama. Ulysses Bauman lhe deu um pontapé e comentou, rindo:

— O herói caído, hem? — e lhe deu outro pontapé na cabeça, fazendo Snake mergulhar na escuridão.

Quando acordou, estava em terras de propriedade dos Ransome e reconheceu alguns dos edifícios das minas.

— Acordou — riu Dustin Redford, levantando a cabeça do rapaz pelos cabelos.

— Não vai reclamar agora, não é? — riu Bauman, quando viu a careta de dor que ele fez.

— Não era o herói popular que tinha vencido os Ransome? Agora, não vale ter medo...

— Não tenho medo de ratos, nem de galinhas — bradou Snake, ganhando com isso uma verdadeira patada no fígado, que o fez se embolar de dor, tossindo espasmodicamente.

Mas Redford era dos que não perdoavam e o levantou pelo peito da camisa ensopada, dando-lhe um violento soco, atirando-o contra uma parede.

— Lamentável! — riu Bauman. — Um tipo tão duro e valente durante algumas horas, agora é mais fraco do que uma bailarina de *saloon*. O diabo é que gosto de bailarinas de *saloon*, gosto de acariciá-las — o punho maciço do capataz de cabeleira branca caiu em cheio sobre Snake, depois de tê-lo levantado com apenas uma das mãos.

O rapaz, porém, reagiu, erguendo um pé que foi se alojar com a violência de um coice no estômago do capataz. Bauman cambaleou para trás e Snake não perdeu tempo. Avançou para ele, conseguindo lhe dar mais dois violentos golpes, antes que Dustin Redford entrelaçasse as mãos e lhe aplicasse uma cutilada na nuca. Snake caiu para encontrar em seguida as botas brilhantes do pistoleiro a caminho do seu rosto. Sem saber como, pegou uma delas, fazendo com que Redford caísse também. Mas o pistoleiro se levantou prontamente, com os olhos brilhando de

fúria e malícia, e voltou-se, desta vez conseguindo chutar Snake como se ele fosse uma bola.

Bauman já estava de pé novamente e se preparava para chutar o corpo do rapaz de volta para Redford, quando uma voz feminina e imperiosa exigiu subitamente:

— Parem com isso agora mesmo.

Bauman se deteve com um pé no ar e sua atitude mudou por completo. Depois de pôr o pé no chão e deixar os braços caídos ao longo do corpo, baixou levemente a cabeça, dizendo:

— Senhora, esse porco se uniu aos bastardos dos Drury e...

— Sei disso — cortou a mulher. — Mas o que estavam fazendo com ele é coisa de covardes, o rapaz não tinha como se defender. Saiam daqui, você e Redford.

— Mas, senhora, não posso deixá-la sozinha com esse...

— Saiam daqui imediatamente — bradou Abigail Ransome, com tal autoridade, que Bauman e Redford se retiraram sem mais uma palavra.

No chão, Snake grunhiu baixinho. Abigail Ransome, alta, toda vestida de seda preta e com o rosto mostrando que fora uma bela mulher, se encaminhou para um canto da sala onde havia um barril de água e um pequeno balde para retirá-la. Encheu de água o pequeno balde e a atirou sobre Snake, que se agitou, gemeu mais alto e depois se ergueu num cotovelo com a água escor-

rendo de sua cabeça. Piscou, fitando a mulher, e disse ainda com voz pastosa:

— Abigail Ransome em pessoa.

— Sim — respondeu a mulher friamente. — Creio que queria falar comigo.

— Isso mesmo. A preparação para a entrevista não foi das mais amáveis, mas vá lá.

— Desculpe os meus homens. Estão furiosos e você sabe por quê.

— Não estavam desarmados, quando eu os ataquei.

— Eles são rudes, ignorantes, não pensam nesses detalhes. Você dificultou demais as coisas, rapaz.

— E o que pensam vocês que fizeram com os Drury, levando-os quase à ruína?

— Isso não é da sua conta.

— Não? Vocês roubaram a água que por Lei pertencia a eles, roubaram metade do que possuía Garfield Drury.

— Já disse, isso não é da sua conta.

— É sim, agora trabalho para os Drury.

— Trabalhe para mim. Preciso de homens decididos e capazes e pago um excelente salário.

— Não.

— É loucura recusar minha proposta. Mas se não era para pedir emprego, para que então queria falar comigo?

— Tinha outros motivos para isso. O passado, por exemplo.

— O passado? — repetiu Abigail, estremecendo visivelmente.

Snake se sentou direito, experimentou as pernas e conseguiu ficar de pé, depois do que observou atentamente o rosto da mulher. Ela devia ter cerca de cinqüenta anos, mas não tinha uma ruga e seu corpo era o de uma moça de vinte e cinco. Os cabelos escuros não tinham um só fio branco e os olhos eram brilhantes e frios.

— Falo do meu passado, senhora Ransome — disse ele por fim. — O passado de um homem que jamais soube quem foram seus verdadeiros pais, que teve os pais, a família adotiva assassinada e agora está aqui para reclamar seus direitos, desmascarando os assassinos.

— Não entendo o que quer dizer com tudo isso — respondeu Abigail, com seu jeito frio, mas nos olhos havia uma luz de interesse pelo que acabara de ouvir. — Seu passado nada tem a ver comigo.

— Eu gostaria muito que fosse assim, mas não creio que seja. Para ser franco, não acredito em nada, nem em ninguém, desde o dia em que os Darnell foram assassinados por pistoleiros mascarados pagos por alguém. Desde então eu vivo a me perguntar, quem mandou matar toda aquela família e por quê?

— Como posso saber? Não tenho nada a ver com isso, mal me recordo que aqui morou uma família Darnell. Já faz muito tempo que eles

morreram. E afinal, que tem você a ver com os Darnell?

— Faz quase quatorze anos que eles morreram, senhora Ransome, quatorze anos menos uma semana e meia. E durante todo esse tempo, não houve um só instante em que eu pudesse esquecer os detalhes da matança.

— Você? — Abigail estremeceu de novo. — Como? Onde estava, como pode saber dessas coisas? — as palavras saíam atropeladamente dos lábios dela, agora quase cinzentos.

— Se mal se recorda dos Darnell, não deve então se lembrar de que eles tinham um filho adotivo que na época da matança tinha onze anos de idade. Esse filho adotivo sou eu.

— Deus! — arquejou Abigail. — Não é possível!

— É sim, senhora Ransome. Fui o único sobrevivente da matança porque fugi para o deserto, o mesmo deserto onde Charles Darnell me encontrara onze anos antes, junto de um ninho de cobras, no Cânion Selvagem.

Lívida, tremendo da cabeça aos pés, Abigail Ransome murmurou:

— Wild Snake... então é você o bebê...

— Fui, senhora Ransome, agora sou um homem. Charles Darnell pensou em me adotar legalmente, dando-me o seu nome. Mas sabe como são essas coisas, foi deixando para amanhã, para depois e por fim era tarde demais. Depois que

fugi, vivi por aí, ora com uma família, ora com outra, até que aos quinze anos me libertei definitivamente de qualquer tipo de tutela. Eu tinha dito que meu nome era Wild Snake, como fui chamado desde que fui encontrado junto daquele ninho de cobras e por mais que pensassem que era só um apelido, o nome ficou. Quando voltei para Mesa Colorada, estava certo de que o nome iria alertar o mandante do assassinato dos Darnell, mas ele continuou na sombra, embora tenha tentado me matar várias vezes. Não conseguiu e vou reclamar os direitos que acho que tenho como filho adotivo de Charles Darnell.

— Mas não sou eu esse mandante, juro — declarou Abigail. — Como eu poderia saber?

— Está bem, digamos que não tenha sido você, mas alguém sabia que eu vinha, alguém que tomou conhecimento da carta que escrevi ao xerife usando o nome de Jimmy Darnell e me declarando filho de Charles. Esse alguém não perdeu tempo, a primeira investida que fez contra a minha vida foi antes mesmo que eu descesse do trem, na estação. Acabei com os quatro pistoleiros que estavam lá à minha espera e com um outro que me emboscou. Mas parece que minha sorte agora mudou, porque estou em seu poder e, se não fui morto por aqueles brutamontes antes de sua chegada, minha execução não deve tardar muito mais.

— Não diga essas coisas horríveis — pediu

Abigail, estremecendo mais uma vez. Depois, foi se aproximando de Snake, como se não tivesse consciência do que fazia, e subitamente sua mão tocou suavemente o rosto dele, ainda sujo de sangue e molhado pela água que ela lhe jogara em cima. Parecendo sonho, murmurou: — Wild... Wild Snake...

Para enorme surpresa do rapaz, repentinamente ela começou a chorar, soluçando convulsivamente, a ponto de todo o seu corpo esguio e bem feito tremer de alto a baixo.

CAPÍTULO OITAVO

A hora da verdade

Por um instante, Snake ficou sem saber o que fazer, mas depois estendeu a mão e segurou o queixo dela, obrigando-a a encará-lo, e indagou:

— Por que está chorando?

— Wild... Wild — ela falou aos arrancos, tão baixo, que ele quase não ouvia. — Eu era muito mais jovem do que meu marido Bernard e ele não se interessava por sexo. Eu, pelo contrário, sempre fui uma mulher ardente e o resultado foi que me tornei amante de Charles Darnell. Bernard descobriu tudo, mas me perdoou.

— Eu compreendo.

— Charles e eu tivemos um filho.

— O que pretende dizer com isso? — indagou Snake, erguendo a voz, sobressaltado.

— Não sei, não sei! — Abigail soluçou em silêncio algum tempo e depois voltou a falar: — Charles encontrou você praticamente recém-nascido junto do Cânion Selvagem e o levou para casa. Nunca revelou a ninguém, nem a sua mulher Hattie, que sabia que você não era uma criança abandonada miseravelmente, ele sabia que você era nosso filho.

Snake sacudiu a cabeça, completamente aturdido, e só depois de um bom tempo conseguiu murmurar:

— Isso é impossível, não posso crer!

— É a verdade. Você é realmente James Darnell, não Wilder Snake ou Ransome, mas goste você ou não, sua mãe é uma Ransome.

— Mas como?

— Não sei, só sei que um dia não o vi mais. Alguém o tinha feito desaparecer, talvez pensando nos sérios problemas que um filho de Abigail

Ransome fora do casamento pudesse oferecer no futuro. Eu quase morri de dor, pensando que você tinha sido assassinado. Um dia, um empregado meu teve uma briga feia com um companheiro e estava à morte. Mandou me chamar e confessou que não tivera coragem de matá-lo, simplesmente o deixara no Cânion Selvagem. Ele não disse, mas desconfio que avisou Charles na ocasião e assim ele pôde recolhê-lo, antes que o sol e as cobras dessem cabo de você.

— Não posso crer, sou filho de Charles Darnell e Abigail Ransome? — murmurou o rapaz.

— Para você, não sou mais apenas Abigail Ransome, sou sua mãe. Mas compreendo que é um direito seu me aceitar ou repelir. Todavia, nada no mundo pode impedir que eu seja sua mãe e você meu filho.

Snake olhou longamente seu rosto, depois segurou suas mãos geladas e, apertando-as suavemente, disse:

— Tem razão, sou seu filho. Detesto sua família e ela me paga na mesma moeda, mas isso não importa. O que interessa é que agora sei quem são meus verdadeiros pais. No momento, reconheço você como minha mãe e a respeito por isso. Mas não me peça mais.

— Não, não vou pedir. Ter você aqui, junto de mim, é muito mais do que eu poderia esperar.

Snake tentava por todos os modos conter sua emoção. Tinha ido a Mesa Colorada deliberada-

mente enfrentar o passado, mas nunca esperara que lhe reservassem tamanha surpresa.

— Quem me arrancou de perto de você, entregando-me ao homem que me deixou junto do ninho de cobras? — indagou.

— Não sei, nunca consegui descobrir. Mas que importa agora? — respondeu Abigail, tentando sorrir por entre as lágrimas.

— Bela cena de amor materno e filial — disse uma voz, sobressaltando os dois.

Abigail se virou rápida e se colocou diante de Snake, dizendo:

— Não tente coisa alguma, Byron, ele é meu filho, o filho que você roubou de mim e levou para o Cânion Selvagem para que morresse ali.

— Não diga! — a cara de Byron Ransome, irmão de Abigail, não demonstrou a menor surpresa. Apenas ela percebeu que a voz dele soava rouca e diferente da normal. — Não morreu naquela época, não é? Pois vai morrer agora, querida irmã.

Snake pensou desesperado que não tinha à mão coisa alguma com que pudesse defender sua vida e a de sua mãe. Abigail, sempre cobrindo seu corpo com o seu, soluçou alto, dizendo:

— Se matar meu filho, terá também de me matar. Você não terá coragem de executar friamente sua irmã e seu sobrinho.

Byron Ransome contemplou longamente a mulher e o rapaz, comentando depois:

— Vai ser mesmo uma coisa sensacional para o povinho saber que existe um filho de Abigail Ransome com Charles Darnell. — O revólver que ele tinha na mão dançou, depois foi colocado com o cano para baixo, enquanto ele continuava: — Mas tem razão, Abigail, eu não poderia executar friamente você e ele. Snake, ou lá como diabo se chame, não se esqueça de que de agora em diante deve me chamar tio Byron.

— Mas que diabo! — grunhiu Snake, dando um passo que o tirou da proteção do corpo de Abigail. — Foi você mesmo quem...

— Quem mandou você para aquela cova de serpentes para morrer? — completou Byron, sorrindo. — Não, não fui eu. Se o caso fosse comigo, eu não teria encarregado ninguém da providência, eu a teria executado com minhas próprias mãos. Sou duro, brutal, mas confesso que ficaria abalado de condenar um recém-nascido àquele tipo de morte.

— Mas então, quem? Bernard? — indagou Abigail.

— Creio que não. Nosso primo Bernard era um homem fraco sob certos aspectos e estava conformado com o que vinha acontecendo. Ele teria aceitado a criança e com ela em casa talvez não tivesse se empenhado tanto para que Rufus viesse ao mundo.

— Mas então, quem? — indagou Snake.

— Não sei e confesso que não procurei me

aprofundar muito no mistério. Mas é lógico que quem seqüestrou seu filho e tentou matá-lo é a mesma pessoa que assassinou a família Darnell. . .

— E estava à minha espera assim que eu pusesse os pés de volta a Mesa Colorada — acrescentou Snake.

— Será possível? — murmurou Abigail.

— Tenho certeza disso. Essa pessoa descobriu tarde demais que eu tinha fugido, quando aconteceu o massacre dos Darnell. Possivelmente não deixou de saber dos meus passos todos estes anos e estava à minha espera, quando resolvi voltar a Mesa Colorada. Ela queria evitar a qualquer preço que eu fosse declarado herdeiro único de Charles e tivesse participação na fortuna dos Ransome. Existe em Mesa Colorada alguém que seja ao mesmo tempo parente dos Darnell e dos Ransome?

Houve um breve silêncio, que Byron Ransome quebrou, quase gritando:

— Diabo, é uma idéia, uma grande idéia!

— Mas quem? — murmurou Abigail. — Não me lembro de ninguém nessas condições. Espere! Byron, você está pensando o mesmo que eu? — por sua vez, Abigail quase tinha gritado aquela última frase.

— Acho que ele acertou em cheio, Abigail.

— Mas do quê e de quem vocês estão falando? — indagou Snake, impaciente.

— Creio que você conhece a pessoa — tornou

Abigail. — Deve conhecer, se andou pela cidade de um lado para outro. Dos Ransome, é parente muito distante, tanto que nem usa o nome, a mãe dele era nossa prima em terceiro grau.

— Mas é parente mais próximo dos Darnell?

— Bem mais próximo — respondeu Abigail. — Ele é filho de um meio irmão de Hattie Darnell, o pai dela teve esse filho fora do casamento, mas sempre o amparou. Eram gente de Nova Orleans e o pai dele era dono de um cassino por lá. Se você não existisse, ele seria o herdeiro mais direto dos bens de Charles Darnell.

— Rex Irwin — murmurou Snake, quase sem saber o que dizia.

— Exatamente — confirmou Byron Ransome. — Rex Irwin é a única pessoa desta cidade que é ao mesmo tempo parente dos Ransome e dos Darnell. Na época do massacre, ele tinha abandonado sua família em Nova Orleans e veio para cá. Tinha vinte e cinco anos na ocasião e enquanto não se aprumava na vida, Bernard consentiu que ele ficasse em nossa casa. Até lhe deu alguma ajuda para começar o *saloon* que quis montar em Mesa Colorada.

* * *

O *saloon* parecia estar mais animado do que em qualquer outra noite. A fumaça de tabaco era uma cortina espessa, o ruído das conversas fazia com que fosse preciso quase gritar para ser ouvido enquanto indiferente àquela balbúrdia, Glen-

da Turner tocava piano como se estivesse a milhas de distância. O número dela terminou e a cortina do palco se abriu, mostrando o grupo de coristas de pernas de fora que se pôs a rebolar de um lado para outro debaixo de palmas, assovios e bater de pés da platéia.

O temporal tinha amainado depois da meia-noite e ninguém se animou a perder uma noite de sábado, nem que fosse pela metade. Assim, vaqueiros e mineiros tinham chegado ao *saloon* em verdadeiras levas, disputando mesas, comprimindo-se no balcão do bar. Rex Irwin, sorrindo beatificamente e pensando nos enormes lucros que só aquela noite lhe daria, andava entre as mesas, chegava ao balcão, falava com um e com outro. Calmo, elegante, com uma expressão um tanto condescendente no rosto bem barbeado, finalmente se fixou num canto do balcão do bar e pediu um uísque duplo ao seu empregado.

Mas os clientes não tinham parado de chegar. Como sempre paravam no vestíbulo, para deixar lá sua artilharia, sem que ninguém se lembrasse de protestar. Armas no *saloon* só mesmo as dos dois leões-de-chácara da entrada e o Derringer dissimulado na manga do elegante casaco de Rex Irwin, sempre pronto para uma emergência. O dono do *saloon* bebeu seu uísque tranqüilamente, feliz da vida porque a chuva não estragara a noite e já estava quase terminando o conteúdo do copo, quando uma voz indagou às suas costas:

— Também hoje a casa me convida, Irwin?

Ele se voltou e confirmou, com certa surpresa, que a voz era mesmo de Wild Snake. Depois sorriu, respondendo:

— Todas as vezes que você quiser! — Pediu a bebida ao *barman*, indagando depois: — Como vão as coisas no rancho?

— Muito bem, muito bem mesmo. — Pegou o copo e começou a bebericar, parecendo fazer isso com grande prazer.

— Ótimo, confesso que andei preocupado com sua segurança. Não esperava que você voltasse à cidade hoje.

— Por que não? — riu Snake, encarando Irwin. — Por que viu o pistoleiro dos Ransome se meter debaixo do impermeável que cobria as compras que fiz no armazém?

— Céus, isso aconteceu mesmo? — Irwin arregalou os olhos.

— Claro que aconteceu, fui surpreendido como um idiota. — Tocou as marcas que tinha no rosto e na cabeça e concluiu: — Me bateram um bocado, mas também levaram o seu.

— É incrível que você ainda esteja vivo, depois do que fez com o rio!

— Bem, eu e os Ransome chegamos a um acordo amigável. Isso o decepciona?

— Claro que não, fico apenas surpreso, os Ransome não são de fazer acordos com ninguém e muito menos amigáveis.

— Pois não devia se surpreender tanto, os Ransome não são burros, sabem negociar. Como você, que afinal ainda é um Ransome.

— Bem, o que... — começou Rex Irwin no seu tom sempre superficial. De repente, a última frase de Snake penetrou em seu entendimento e ele se sobressaltou, indagando: — O que foi que você disse?

— Que no fim de contas você é um Ransome — sorriu Snake, com ironia. — Pelo menos foi o que os Ransome me disseram...

— Bem... sou, mas bem gostaria de esquecer isso, a prova é que bem poucas pessoas estão inteiradas desse parentesco. Mas estou ainda mais surpreso, não tem dúvida. Como foi que esse assunto surgiu na conversa que você teve com os Ransome?

— Casualmente, fala-se de uma coisa e ela puxa outra e mais outra — Snake encolheu os ombros.

— E o que mais disseram de mim?

— Havia mais para contar?

— Não. O caso é que eles não gostam muito de mim e eu pago na mesma moeda.

— Mas no passado as relações de vocês foram muito cordiais, não?

— Não... quero dizer, não nasci aqui e, quando cheguei, em busca de melhorar a vida, não houve meio de me sentir um Ransome.

— Mas eles o ajudaram um pouco, não é?

Bem, é verdade que isso faz muito tempo, coisa aí de dezesseis, quatorze anos.

— Sim, mais ou menos isso. — Irwin franziu as sobrancelhas e acrescentou: — Mas para que falar tanto de mim?

— Porque você é uma pessoa importante, Irwin. Porque não se falaria de um homem que de uma ajuda mínima dada pelos membros da família de sua mãe conseguiu montar um *saloon* luxuosíssimo como este? É verdade que você pode ter recebido algum dinheiro quando seu pai morreu em Nova Orleans e o cassino que ele tinha lá foi vendido, mas a semente deste lugar, que não está bem de acordo com a pouca importância que tem Mesa Colorada veio dos Ransome, não é mesmo?

Rex Irwin estava pálido e com os olhos velados, mas soltou o ar dos pulmões lentamente, com uma expressão de alívio no rosto, quando Glenda se aproximou de onde ele estava com Snake.

— Bem, falamos disso depois — ele conseguiu sorrir para Snake. — Agora temos que entreter esta senhorita. Vão os dois para o reservado, que vou providenciar uma garrafa de champanha.

— Eu gostaria de continuar com o assunto — replicou o rapaz. — Ainda não falamos de sua mulher, que ainda mora em Nova Orleans.

— Mulher? — os olhos de Glenda se arrega-

laram. — Rex, você nunca me disse que era casado.

— Vão para o reservado, logo estarei lá e conversaremos com calma — insistiu o dono do *saloon*. — Creio que vai ser divertido, esta noite Snake está transformado em uma verdadeira caixa de surpresas.

— Encomende o champanha logo e vamos os três para o reservado — disse Snake suavemente e Irwin achou melhor obedecer.

Quando estavam sentados no reservado, diante dos copos de champanha, Irwin sorriu e comentou:

— Então os Ransome acharam até de falar no meu casamento.

— E por que não? Somos todos da mesma família... Não me diga que não sabia que também sou um Ransome...

— Wild; não é possível! — bradou Glenda.

— É sim, querida. Sou filho de Abigail Ransome e Charles Darnell, não é, Irwin?

— Como vou saber da sua vida? O que está dizendo me deixa simplesmente pasmo — respondeu o dono do *saloon*.

— Não seja modesto, você sempre soube. Eu representava um perigo para as suas ambições. Você veio para Mesa Colorada largando para trás sua mulher porque tinha planos bem definidos sobre o que fazer aqui. Sua meia-irmã Hattie era casada com um homem rico, sua prima

distante Abigail Ransome não vivia bem com o marido e não tinha filhos. Mas aí houve o romance entre Abigail e Charles Darnell e eu nasci dele. Você ficou furioso e tratou de me seqüestrar. Não teve coragem de me matar pessoalmente e encarregou outra pessoa de fazer isso. Creio que essa pessoa avisou Charles Darnell do que se passava e ele fingiu que me encontrara casualmente junto de um ninho de cobras no deserto, chamando-me por isso Wilder Snake.

— Céus! — murmurou Glenda, lívida.

— Você começou a juntar ódio sobre ódio e, quando eu tinha onze anos, se decidiu. Pagou um bando de vagabundos mascarados para assassinar toda a família Darnell, já que sua esperança numa fatia da fortuna dos Ransome se dissolvera no ar, porque Abigail e seu marido legítimo tinham tido um filho depois do romance dela com Charles Darnell. Mas você não me alcançou, Irwin, eu fugi e você se viu obrigado a esperar quatorze anos, segundo as leis deste condado, para pôr as mãos nos bens deixados por Charles Darnell.

— Snake, você só pode estar brincando — disse Rex Irwin, lívido. — Mas é uma brincadeira de muito mau gosto.

— Sabe muito bem que não se trata de brincadeira.

— Wild, você está acusando Rex de uma matança — murmurou Glenda.

— Exatamente. Da matança dos Darnell e das

tentativas de matar a partir do momento em que tomei aquele trem para vir a Mesa Colorada. Só não tenho certeza de um detalhe, Bernard Ransome caiu mesmo daquele cavalo precipício abaixo ou foi você quem fabricou o acidente? Suspeito disso porque você logo começou a rondar Abigail, querendo se casar com ela.

— Basta! — Rex Irwin bateu na mesa violentamente. — Se não retirar agora mesmo todas essas acusações mentirosas que me faz vou processar você.

— Não vai fazer nada, está morrendo de medo porque sabe que tenho provas mais do que suficientes para pendurar você na ponta de uma corda — respondeu Snake, serenamente, enquanto Glenda olhava dele para Irwin e vice-versa, com olhos do tamanho de um pires.

Houve um breve silêncio, que o dono do *saloon* quebrou, dizendo:

— Sinto muito, Glenda, quase amei você. Mas agora é a vida de vocês ou a minha — sacudiu a manga do casaco e o Derringer deslizou para sua mão. — Quando encontrarem vocês, Snake vai estar com esta arma na mão. Eu me encarrego de esclarecer os detalhes, ele estava louco por você, que o recusou. Então ele a matou e se suicidou.

— Acaba de cair numa armadilha, Irwin — disse Snake, tranqüilo. — Eu não tinha provas suficientes para enforcar você, mas agora esse seu

gesto diante de uma testemunha o perdeu definitivamente.

— Não seja estúpido, eu não perdi nada, quem perdeu foi você — Irwin riu de um modo horrível. — A vida. Só lamento que tenha envolvido Glenda nisto!

Apontou o Derringer na direção da cabeça da jovem, enquanto Snake dizia num tom tristonho:

— Eu teria gostado muito de ver você pendurado numa corda, Irwin, mas...

Nem Glenda, nem o próprio Rex Irwin souberam como de repente um dos revólveres dele começou a vomitar fogo. O dono do *saloon* tombou primeiro sobre a mesa e depois foi ao chão, todo ensangüentado.

— Vamos sair daqui, você tem que fazer um depoimento perante o xerife — tornou Snake, amparando Glenda, que tremia incontrolavelmente da cabeça aos pés.

* * *

O corpo de Glenda era longo, morno, suave e Wild Snake não se cansava de acariciá-lo, possuí-lo de todas as maneiras possíveis. As primeiras cores da aurora surgiram através da vidraça da janela do hotel e Snake rolou de cima dela para um lado da cama, acendendo um cigarro.

— Por que não fica aqui? — indagou Glenda, com voz preguiçosa.

— Porque não me interessa ser um Ransome e teria que ser, se ficasse — ele respondeu, bei-

jando o pescoço dela. — Quero apenas receber os bens de Charles Darnell. Uma parte deles vai para os Drury, o resto dá e sobra para vivermos confortavelmente em Tucson, por exemplo, ou em outro lugar qualquer, onde você possa voltar à sua carreira de concertista.

— Mas não quero ser concertista, querido — Glenda murmurou, mordiscando a orelha dele. — Prefiro tocar Chopin apenas para você e para os nossos filhos.

— Querida! — ele largou o cigarro apressadamente e abraçou Glenda, sentindo o desejo retornar.

De repente, passou por sua mente a lembrança de Nora Drury, linda, forte, sadia, uma bela mulher. Mas ele a afastou. Não podia mandar nos próprios sentimentos, a mulher da sua vida era mesmo Glenda Turner, só ela era capaz de despertar nele aquele desejo que o fez montá-la mais uma vez e que no devido tempo iria perpetuar o nome Darnell numa porção de filhos.

FIM

A seguir: A ambição o aproximou demais da sepultura! BOM PARA A FORCA. Não perca!

UMA LIVRARIA PELO CORREIO

Você pode pedir estes livros pelo Reembolso Postal. É muito simples. Não envie dinheiro agora. Só pague quando for retirar sua encomenda na Agência do Correio de sua Cidade.

Ponha seu nome e endereço bem legíveis.

FORMAÇÃO DO MAGISTÉRIO — ADVOCACIA

CÓDIGO DO PROCESSO PENAL — Atualizado	Cr$	150,00
CÓDIGO DO PROCESSO PENAL — Militar ...	Cr$	120,00
CÓDIGO PENAL — Atualizado	Cr$	120,00
CONSOLIDAÇÃO DAS LEIS DO TRABALHO — Atualizado	Cr$	260,00
CURSO DE DIREITO DO TRABALHO.....	Cr$	75,00
DIREITO JUDICIÁRIO TRABALHISTA — Como advogar na Justiça do Trabalho.....	Cr$	110,00
EMPREGADO DOMÉSTICO TRABALHISTA — RURAL — Seus direitos	Cr$	65,00
ESTATUTO DA ORDEM DOS ADVOGADOS DO BRASIL — Código de ética profissional	Cr$	75,00
ESTATUTO DOS ESTRANGEIROS E SEU REGULAMENTO	Cr$	80,00
FALÊNCIAS E CONCORDATAS — Legislação atualizada	Cr$	75,00
JUSTIÇA TRABALHISTA — Para empregados e empregadores	Cr$	95,00
LEGISLAÇÃO APLICADA — Prática Jurídica..	Cr$	90,00
LEGISLAÇÃO BRASILEIRA DA PREVIDÊNCIA SOCIAL	Cr$	100,00
LEIS DAS CONTRAVENÇÕES PENAIS.....	Cr$	70,00
MANUAL DE TESTAMENTO, INVENTÁRIOS E PARTILHAS	Cr$	95,00
PRÁTICA FORENSE — Como postular em juízo	Cr$	95,00
PROGRAMA DE ASSISTÊNCIA AO TRABALHADOR RURAL	Cr$	70,00
REGULAMENTO DO CÓDIGO NACIONAL DO TRÂNSITO	Cr$	75,00
SEGUROS DE ACIDENTES DO TRABALHO — Legislação atualizada	Cr$	80,00

CÓDIGO COMERCIAL BRASILEIRO — Atualizado e anotado ..... Cr$ 190,00
CÓDIGO DE MENORES ..... Cr$ 90,00
CÓDIGO DA PROPRIEDADE INDUSTRIAL... Cr$ 90,00
CÓDIGO DE ORGANIZAÇÃO E DIVISÃO JUDICIÁRIA ..... Cr$ 90,00
CÓDIGO TRIBUTÁRIO NACIONAL — Atualizado ..... Cr$ 180,00
A PESQUISA DE FRAUDES CONTÁBEIS PELA FISCALIZAÇÃO DO IMPOSTO DE RENDA — Encadernado ..... Cr$ 400,00
AS CONSTITUIÇÕES DO BRASIL — Desde o Império até à Constituição vigente — 2 volumes encadernados ..... Cr$ 350,00
CÓDIGO CIVIL DO BRASIL — O Homem e as Leis ..... Cr$ 140,00
CURSO DE INICIAÇÃO JURÍDICA ..... Cr$ 80,00
INSTITUIÇÕES POLÍTICAS BRASILEIRAS — 2 volumes — Enciclopédia das leis ..... Cr$ 150,00
A LEI ANTITÓXICO COMENTADA E ATUALIZADA ..... Cr$ 60,00
DIREITO INTERNACIONAL PÚBLICO — Tratado e Convenções ..... Cr$ 110,00
DIREITO PÚBLICO — Textos constitucionais e administrativos ..... Cr$ 100,00
ESTUDO DAS TRANSFORMAÇÕES DA ORDEM POLÍTICA ..... Cr$ 75,00
TÓXICOS — A estatística da degradação. O mal agrava o mal ..... Cr$ 60,00
DESAFIO DAS DROGAS E O DIREITO — As portas do submundo ..... Cr$ 60,00
DIREITO AGRÁRIO E COLONIZAÇÃO — Execução extraconjugal ..... Cr$ 130,00
O SEGURO PRIVADO NO BRASIL — O que todo o advogado deve saber..... Cr$ 130,00
OS DIREITOS DO HOMEM E O HOMEM SEM DIREITOS — A consciência jurídica ..... Cr$ 90,00
SEGUROS — Legislação — Tudo sobre Seguros — Leis, Decretos, Portarias..... Cr$ 130,00
EXECUÇÃO EXTRAJUDICIAL DO CRÉDITO HIPOTECÁRIO NO SISTEMA FINANCEIRO DA HABITAÇÃO ..... Cr$ 100,00
TRABALHO MARÍTIMO — Legislação e Leis marítimas — Um manual de conhecimentos jurídicos para o homem do mar..... Cr$ 130,00
LEGISLAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR — Preparado para a orientação dos professores na área do ensino de formação ..... Cr$ 75,00

OBRAS TÉCNICAS E PROFISSIONALIZANTES

TÉCNICA DE PRODUÇÃO INDUSTRIAL — Coleção completa em 7 volumes		
TÉCNICA DE PRODUÇÃO INDUSTRIAL — Volume 1 — Fundamentos, Eletricidade na Fábrica	Cr$	40,00
TÉCNICA DE PRODUÇÃO INDUSTRIAL — Volume 2 — Materiais metálicos — Materiais auxiliares	Cr$	80,00
TÉCNICA DE PRODUÇÃO INDUSTRIAL — Volume 3 — Processo e dispositivos de produção	Cr$	70,00
TÉCNICA DE PRODUÇÃO INDUSTRIAL — Volume 4 — Estamparia e tratamento de superfície	Cr$	80,00
TÉCNICA DE PRODUÇÃO INDUSTRIAL — Volume 5 — Solda, Corte, Tratamento térmico	Cr$	70,00
TÉCNICA DE PRODUÇÃO INDUSTRIAL — Volume 6 — Medição e controle.....	Cr$	80,00
TÉCNICA DE PRODUÇÃO INDUSTRIAL — Volume 7 — Organização e Manutenção.....	Cr$	80,00
COMO ELABORAR UM CURRÍCULO — Método facilitado	Cr$	30,00
DESENHO GEOMÉTRICO — Para amadores e profissionais	Cr$	95,00
PERSPECTIVA E SOMBRA — Geométricas...	Cr$	60,00
CONHEÇA O PETRÓLEO — Sua importância geográfica e política	Cr$	25,00
ACRÍLICO — Técnica e prática de trabalho — O manual profissional	Cr$	30,00
BOMBAS — Hidráulicas, de sucção, compressão e elevação	Cr$	160,00
TRATAMENTO TÉRMICO DE FERRAMENTAS — Faça você próprio a sua ferramenta de trabalho	Cr$	90,00
GALVANOPLASTIA — 2 volumes — Banho para cromar ouro, prata, e outros metais por meio de banhos químicos.....	Cr$	170,00
TÉCNICA DE CONFORMAÇÃO — Manual de conhecimentos aplicados à indústria mecânica	Cr$	95,00
PROCESSOS DE TRABALHO NA METALOGRAFIA — Aproveitamento dos metais...	Cr$	70,00
OFFSET — Princípios básicos de impressão...	Cr$	50,00
OFFSET — Técnica especial de impressão....	Cr$	60,00
PRINCÍPIOS DE PNEUMÁTICA — A ciência das propriedades físicas	Cr$	85,00

DESENHO TÉCNICO-INDUSTRIAL	**Cr$**	**95,00**
VEDADORES E GAXETAS — Manual de instalações hidráulicas	**Cr$**	**80,00**
AGENDA TÉCNICA — Guia do técnico profissional	**Cr$**	**30,00**
A ARTE DO MOSAICO — Brochura indispensável aos técnico e profissionais da construção	**Cr$**	**55,00**
ARTES DO PLIM PLIM — Faça você mesmo com papel tudo o que possa imaginar: gatos, casas, coelhos, etc.	**Cr$**	**70,00**
MÉTODO PRÁTICO E FÁCIL DE PORTUGUÊS COMERCIAL	**Cr$**	**60,00**
CURSO PRÁTICO DE DIDÁTICA GERAL — Para professores dos níveis médio e superior	**Cr$**	**85,00**
MANUAL DO TORNEIRO MECÂNICO	**Cr$**	**150,00**
CURSO DE ENFERMAGEM — Cirurgia e Instrumentação	**Cr$**	**75,00**
LIVRO DE REDAÇÃO — Manual do secretário de empresa e público	**Cr$**	**65,00**
MANUAL DO CHOFER — Instruções técnicas	**Cr$**	**75,00**
MANUAL DO ELETRICISTA MODERNO.....	**Cr$**	**100,00**
MANUAL PRÁTICO DE REFRIGERAÇÃO	**Cr$**	**100,00**
NOÇÕES PRÁTICAS DE INSTALAÇÕES ELÉTRICAS	**Cr$**	**100,00**
PRÁTICA DE ESCRITÓRIO COMERCIAL.....	**Cr$**	**65,00**
TÉCNICA E ORGANIZAÇÃO COMERCIAL....	**Cr$**	**80,00**
AULAS DE COZINHA DELICIOSA — Preparado para profissionais de cozinha hoteleira — Uma enciclopédia de receitas	**Cr$**	**170,00**

PREÇOS PARA 1978, SUJEITOS A ALTERAÇÃO

* * *

Faça hoje mesmo o seu pedido para:

EDITORA MONTERREY LIMITADA.
Rua Visconde de Figueiredo, 81
Caixa Postal nº 24.119 — ZC-09
20.500 — TIJUCA — Rio de Janeiro, RJ.

saiu!

HORÓSCOPO REALISTA

SEU FUTURO REVELADO.
ASTROLOGIA SEXUAL. PREVISÕES MUITO FRANCAS.
AMOR, SAÚDE, FORTUNA, VIAGENS.

1979
IGOR PETROVSKY

NAS BANCAS